

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

RAFAEL DO AMARAL PRUDENCIO

VOCÊ ESTÁ PRONTO? HIPÓTESES SOBRE O *LEITOR-MODELO*

PORTO ALEGRE

2018

RAFAEL DO AMARAL PRUDENCIO

VOCÊ ESTÁ PRONTO? HIPÓTESES SOBRE O *LEITOR-MODELO*

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Letras. Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite. Coorientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

PORTO ALEGRE

2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me ensinado a pensar e a contestar. Por terem me educado da melhor maneira possível e por terem me apoiado a realizar meu sonho de estudar.

Ao meu peixe Valéry, que me acompanhou durante boa parte da minha vida acadêmica e que hoje deve estar em um lugar sem pesca e sem peixes servidos com molho.

Aos meus irmãos pelas caronas, pelo incentivo e pela ajuda nos momentos de aperto.

À Eoni por ter me recebido em seu apartamento com carinho, por me alegrar nos momentos de tensão e por cuidar de mim como se fosse minha mãe.

À minha sobrinha pelas noites divertidas de filmes ruins e pipoca de microondas com muita manteiga.

À Lívia por ter me dado amor, inspiração e confiança. Pela paciência, pelas idas a livrarias e cafés, pelas horas de estudo.

À Cláudia e ao Guto pelo carinho, preocupação, auxílio e por serem exemplos de profissionais e pessoas.

Ao Bernabé por estar sempre disponível para me ajudar.

Ao Victor e à Gislaini pelos treinos bem planejados e que me ajudaram a estar sempre disposto e sem dores nas costas.

Aos meus colegas e amigos de oficina (Guto, Rochele, Avelina, Ângelo, Gustavo, Nara, Gerda, Sandra, Gecy) pelas discussões densas sobre literatura e pela amizade sincera.

Ao meu orientador Carlos Augusto Bonifácio Leite (o Guto) por ter sido desde sempre o exemplo a ser seguido como professor, artista e pessoa. Por ter me apoiado a continuar escrevendo ficção e por me ensinar a ver o mundo sem ingenuidade.

Ao meu coorientador Carlos Leonardo Bonturim Antunes (o Léo) por ter aceitado me orientar nesse trabalho, pelas leituras atentas ao meu trabalho, pela conversa com café e cuca em sua casa que me deu a tranquilidade e a força que eu precisava.

Aos professores da graduação que me inspiraram e me inspiram a seguir o caminho da docência: Antônio Barros, Antônio Sanseverino, Beatriz Gil, Carlos Augusto Bonifácio Leite,

Carlos Leonardo Antunes, Lia Schulz, Luciano Bedin, Luciene Simões, Heloísa Monteiro Rosário, Paola Amaro.

Às mulheres da Letras que me ensinaram e me ensinam no dia a dia que tenho muito a aprender.

À Esther e à Thiane pela leitura profissional.

Às escolas em que realizei meus estágios (Colégio Júlio de Castilhos, Colégio de Aplicação da UFRGS, Escola Florinda Tubino) e a todos os professores e alunos dessas escolas que me receberam com carinho, contribuindo muito para minha formação.

Às leis de cotas que permitiram que eu ingressasse na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aos Racionais MCS por terem feito o show mais importante e impactante da minha vida.

Ao Ferréz por ter me mostrado que quem vem de baixo também pode escrever.

Aos meus amigos que não tiveram a mesma oportunidade que eu e hoje estão presos ou mortos.

- Hypocrite lecteur, - mon semblable, - mon frère!

(Charles Baudelaire)

RESUMO

Este trabalho se inscreve na área de concentração de Escrita Criativa e compreende um conjunto de contos e um ensaio reflexivo. Escritos a partir de minha própria vida, os contos estabelecem uma relação entre si, jogando ao leitor o papel de completar as lacunas e fazer as relações necessárias. Para orientar as reflexões do ensaio, resgato as ideias de Edgar Poe, Tchekhov, Cortázar e Piglia sobre o conto para mostrar que dentro de cada teoria há a preocupação com um leitor. Também trago as ideias de Hans Robert Jauss e Umberto Eco sobre a importância do leitor na construção de sentidos do texto literário e busco criar, partindo de elementos da minha obra, hipóteses sobre o meu *leitor-modelo* e o que espero dele.

Palavras-chave: Conto. Escrita Criativa. Leitor. *Leitor-modelo*. Estética da Recepção.

ABSTRACT

This work inserts itself in the area of Creative Writing and comprehends a set of short stories and a reflective essay. Written from my own life, the stories establish a relationship among themselves, giving the reader the role to complete the lacunae and reassemble the necessary relations. In order to guide the reflections of this essay, I recollect Poe's, Chekhov's, Cortázar's and Piglia's ideas about short stories, to show that in every theory there is a concern with a reader. I also bring Hans Robert Jauss' and Umberto Eco's ideas about the importance of the reader in the construction of meanings of the literary text. Additionally, I try to construct, from elements of my own work, hypotheses about my *model reader* and what I expect of him.

Keywords: Short-story. Creative writing. Reader. *model reader*. Reception Aesthetics.

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO	11
2	HIPÓTESES SOBRE O LEITOR-MODELO	12
2.1	Autoficção	13
2.1	Forma.....	14
2.2	O leitor.....	16
2.3	A Estética da Recepção de Hans Robert Jauss	17
2.4	Umberto Eco, o <i>leitor-modelo</i> , a <i>obra aberta</i>	21
2.5	Hipóteses sobre o <i>leitor-modelo</i>	24
3	VOCÊ ESTÁ PRONTO?	28
3.1	As moscas: a história de um graduando	29
3.2	Só dessa vez	31
3.3	O primeiro a três ou uma história de amor	34
3.4	Constipação	36
3.5	O livro de R.	38
3.6	O Homem Pelado	40
3.7	A decisão	44
3.8	Um pequeno incidente	45
3.9	Um dia atípico	47
3.10	Experiência	49
3.11	Il faut agir	55
3.12	O último jantar	58
3.13	Até logo	61
3.14	Era uma professora de francês	65
3.15	Silêncio	66
3.16	O vira-lata	67
3.17	O homem com a cabeça do Kafka	68

3.18	Os três anões	69
3.19	Você está pronto?.....	71
3.20	Meu pai quase morreu	72
4	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

1 PRÓLOGO

Você vai começar a ler o trabalho de conclusão de curso *Você está pronto? Hipóteses sobre o leitor-modelo*, de Rafael Prudencio. Concentre-se. Afaste os pensamentos ruins em sua volta. Deixe que a ficção e as questões não respondidas no trabalho dissolvam os problemas. Se estiver com sono, pode tirar um cochilo usando o trabalho como travesseiro. E quando retomar a leitura, caso não tenha terminado a leitura do prólogo, você pode até pulá-lo. Ou você pode continuar de onde parou. Caso continue, saberá que esse estudo nasce do desejo de escrever ficção. Saberá também que só ganhou forma graças à participação em oficinas literárias e ao incentivo e à orientação de Guto Leite e Leonardo Antunes.

Por que Escrita Criativa? É uma pergunta que você pode estar se fazendo. A resposta é simples: as oficinas são fenômenos da contemporaneidade. Negócios? Na maioria das vezes, sim. Mas são também lugares que as pessoas procuram para melhorar a escrita ou para se tornar bons leitores. Em Porto Alegre, por exemplo, há uma longa tradição de oficinas. Você certamente já ouviu falar das oficinas de Assis Brasil, Charles Kiefer, Luís Augusto Fischer, Cíntia Moscovitch. Por que estudar o leitor? Segunda pergunta que pode estar martelando na sua cabeça. Se você pesquisar no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), você observará que grande parte dos estudos em Escrita Criativa não é sobre o leitor.

Astuto que é, você observará que este estudo se organiza em duas partes: a primeira, a escrita de um ensaio intitulado *Hipóteses sobre o leitor-modelo* e a segunda, um conjunto de contos intitulado *Você está pronto?*. Com esse estudo, o autor acredita que talvez contribua (nem que seja minimamente) para a ampliação da linha de pesquisa, ainda recente, em Escrita Criativa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E que incentive estudantes de Letras e de outras áreas a escrever ficção.

Por fim, você observará também que, desde as primeiras páginas, este estudo se propõe a ser um exercício de criação literária.

HIPÓTESES SOBRE O *LEITOR-MODELO*

2.1 Autoficção

Este poderia ser um estudo sobre o caráter autobiográfico dos contos que compõem o trabalho que você, caro leitor, lerá em seguida. O plano inicial, escrever um conjunto de contos que dialogassem entre si, transformou-se (ou sempre foi, na verdade) na escrita de narrativas que contam uma parte da história de minha vida. A infância humilde no interior, a mudança para a capital, a ascensão intelectual (e humana) ao entrar na universidade, os problemas acadêmicos e financeiros, a insegurança, a solidão, o amor aos livros, a necessidade e a dificuldade em escrever ficção.

Há, em meus contos, assim como em grande parte da Literatura Contemporânea, uma tensão entre o real e o fictício. Logo, os contos poderiam ser enquadrados como *autoficção*, termo que o autor francês Serge Doubrowsky usa para classificar seu romance *Fils*. Na *autoficção* “o escritor utiliza-se de sua existência, de um episódio de sua vida, para relatar uma história, mas modifica uma série de elementos por razões pessoais ou estéticas” (COLONNA, 1989, p. 9, tradução minha).

Luciana Hidalgo, sobre os romances autoficcionalistas brasileiros contemporâneos, aponta que “em geral, trata-se de uma *autoficção anôminal* ou *nominalmente indeterminada*, mas com brechas que sugerem um caminho em direção à identidade onomástica (...)” (Hidalgo, 2013, p. 224). Refletindo sobre os contos que escrevi, há, de fato, uma sugestão, por meio da inicial R. ou de algum aspecto da minha vida, de que alguns personagens sejam, na verdade, eu. Embora seja um possível caminho a ser trilhado, e retornarei a esse assunto mais adiante, este não é um estudo sobre autoficção.

2.2 Forma

Uma vez proposta a escrita de um conjunto de contos com um princípio formal definido, e sendo ele importante para a elaboração desse estudo, nada mais justo que eu faça uma reflexão, ainda que breve, sobre a forma do conto. Para isso, considero importante resgatar as ideias de Edgar Allan Poe, Anton Tchekhov, Julio Cortazar e Ricardo Piglia sobre o gênero, uma vez que foram eles que me ajudaram a pensar na escrita e também a pensar no tema deste estudo que, por ora, não será revelado.

Poe, considerado o fundador do conto moderno, em seu ensaio *Filosofia da composição*, analisa o próprio processo de criação no poema *O corvo* e nos dá também a

chave para a compreensão de seus contos. Poe afirma que cada elemento do poema — a duração, o tom, o espaço, a precisão das palavras — é responsável por construir uma *impressão particular*. Poe defende a elaboração do poema a partir do epílogo, uma vez que pode “dar a trama seu ar indispensável de consequência, ou causa, para que a criação de coincidências, e especialmente tensão por todos os laços, tendam ao desenvolvimento da intenção” (Poe, 2015, p. 7). Quanto à extensão, Poe nos revela sua preferência pela brevidade do poema, pois segundo ele “o poema só se dá quando emociona, intensamente, elevando a alma; e todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves” (Poe, 2015, p. 11). O limite, portanto, seria o de uma sentada. O caráter pedagógico de Poe ao explicar cada detalhe do que ele considera o poema perfeito está ligado à necessidade de intensificar o efeito por meio de uma forma mais concentrada, em termos de narrativa, haja vista que *O corvo* é um poema narrativo. Com isso, Poe busca atingir o leitor, fazê-lo sentir exatamente o que ele, enquanto escritor, está sentindo.

Tchekhov, em anotações pessoais e cartas, revela suas reflexões sobre a escrita. Tal como Poe, com a diferença de que não analisa de forma explícita sua própria obra, o autor russo revela muito de sua poética. Embora suas ideias não se restrinjam ao gênero conto, percebemos que são as narrativas breves que o agradam. “A brevidade é irmã do talento” (TCHEKHOV, 2007, p. 43), diz em carta ao irmão. Diante dessa preferência, também essencial para Poe, percebemos a preocupação com o que é necessário. Alinhado à Literatura Realista, Tchekhov nos dá outra importante lição para pensarmos sua escrita: mostrar, não contar. Isso porque, para ele, o escritor deve criar uma distância em relação ao seu texto. “O artista não deve ser juiz de suas personagens e daquilo que dizem, mas tão-somente testemunha imparcial” (TCHEKHOV, 2007, p. 45). Para Tchekhov, a questão do leitor também está colocada. “Escrever para si ou para o leitor?” é a pergunta que se faz em uma das cartas. Responde que escreve para sua realização pessoal (não são todos artistas assim?), mas admite, em outras cartas, que um autor deve pensar a quem está escrevendo. “Não escreveste para o leitor (...)”, revela ao irmão Aleksandr Tchekhov. À Maksim Górkki, Tchekhov aconselha “observar mais de perto o público que o lê” (Tchekhov, 2007, p. 39).

Cortázar também vê a necessidade de discorrer sobre o conto. Segundo ele, “enquanto os críticos continuam acumulando teorias e mantendo exasperadas polêmicas acerca do romance, quase ninguém se interessa pela problemática do conto” (CORTÁZAR, 2008, p. 149-150). O autor argentino reconhece que não há leis para tratar sobre o conto, esse gênero “pouco classificável, irmão misterioso da poesia”, mas sim pontos de vista. Partindo da noção

de limite — físico, inclusive, pois na França, segundo ele, se um conto passa das vinte páginas é intitulado *nouvelle* — Cortázar estabelece a seguinte relação: o conto está para a fotografia, enquanto o romance está para o cinema. O bom fotógrafo e o bom contista estão diante do mesmo paradoxo: fazem um recorte da realidade, mas precisam ser intensos, explosivos, para ampliá-la ao seu observador/leitor. Uma realidade limitada, no entanto, precisa de um elemento significativo. Elemento esse que reside no que ele considera o tema *excepcional*:

O excepcional reside numa qualidade parecida à do imã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe fluíam virtualmente na memória ou na sensibilidade (CORTÁZAR, 2008, p. 154)

O tema, “embrião que já é vida, mas que não adquiriu ainda sua forma definitiva” (CORTÁZAR, 2008, p. 156-157), precisa fazer sentido, comover o leitor da mesma maneira que comoveu o autor. Para isso, é preciso que um conto tenha intensidade, e para chegar a ela é preciso haver a “eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite ou exige” (CORTÁZAR, 2008, p. 157).

Ricardo Piglia, em seu ensaio *Teses sobre o conto*, é sintético, porém astuto ao tratar do gênero. O autor argentino parte da seguinte anotação deixada por Tchekhov em seu caderno de notas: “Um homem em Monte Carlo vai ao cassino, ganha um milhão, volta para casa, suicida-se”. Temos aí, de acordo com Piglia, um paradoxo, uma vez que a história do jogo e a do suicídio estão desvinculadas. Segundo ele, “essa cisão é a chave para definir o caráter duplo da forma do conto” (PIGLIA, 2004, p. 89). Surge, então, sua primeira tese: “Um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2004, p. 89). A história 1 é construída em primeiro plano, enquanto a história 2 é construída em segredo. Ao contista cabe saber cifrar a segunda história, pois “o efeito surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície” (PIGLIA, 2004, p. 90). A segunda tese proposta pelo autor afirma que “a história secreta é a chave da forma do conto e de suas variantes” (PIGLIA, 2004, p. 91). No conto moderno, não teríamos o final surpresa, as duas histórias são construídas ao longo do conto como se fossem uma só.

Este poderia ser um estudo sobre a forma dos meus contos. Sobre como os contos, embora partam das reflexões feitas acima, não se sustentam como formas autônomas e têm seu sentido completado ou refratado de alguma forma por outros contos presentes no volume. Mas isso que chamo de contos não seria, na verdade, um romance pós-moderno?, o leitor desse estudo poderia estar, nesse momento, questionando-se. Bakhtin define o romance como “um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal” (Bakhtin, 2015, p. 27). Embora haja sim uma polifonia em meus contos, não me parece uma de tipo romanesco. Mas este não é um estudo sobre a forma do conto, e sim sobre...

2.3 O leitor

Chegamos, finalmente, no foco desse estudo: o leitor. Busco, nesse ensaio, refletir sobre o *outro*. Sobre esse *outro* que me lê, sobre esse *outro* que talvez me leia. Esse *outro* de quem preciso para ser autor. O que pretendo aqui é, em primeiro lugar, trazer uma reflexão teórica sobre o papel do leitor de ficção (sem esgotá-la, uma vez que ela é ampla); em segundo lugar, refletir sobre algumas questões que, ao longo do tempo, foram surgindo sobre o *leitor-modelo* dos meus contos.

Supõe-se que lanço um livro de contos. E esse livro vai parar numa livraria. Um leitor à procura de um livro o vê, perdido entre tantos, lê a orelha e resolve levá-lo para o café da livraria. Lá, ele lê algumas páginas e resolve comprá-lo. Por que ele fez isso? Por que não comprou outro? Ou, um amigo recomenda o livro a outro dando alguns detalhes sobre a obra, este se interessa e vai atrás do livro. Quem é esse primeiro leitor que recomendou o livro e por que ele fez isso? Que detalhes são esses e quais deles chamaram a atenção do amigo? Qual será o envolvimento dele com o texto? E o texto, o quanto ele exige do leitor? E quem é esse segundo leitor? O interesse dos dois se deu pelo mesmo motivo? Em uma conversa, cada um traz uma interpretação ou a mesma? E se esse segundo leitor recomendar o livro para um terceiro, será pelos mesmos motivos do primeiro ou não? E se os dois leitores lerem e não gostarem da obra? “Prefiro Italo Calvino”, “Eu também”.

Fim da epifania.

Algum tempo depois estou sentado nos bancos gelados da UFRGS refletindo sobre o leitor. Descubro que se trata de um objeto de estudo novo no campo dos Estudos Literários. Sou apresentado a Jauss, um dos expoentes da Estética da Recepção. Sou apresentado a Eco

que dá continuidade a reflexão sobre o papel e a importância do leitor. Nós três logo nos tornamos bons amigos e passamos noites em diálogo. Conforme Zappone (2004, p. 153), “embora a relação leitura e literatura seja bastante evidente, o campo dos estudos literários só passou a tematizá-la a partir das primeiras décadas do século XX”. E foi somente nos anos 1960 que houve uma sistematização, nascendo com Hans Robert Jauss (e depois relida por outros autores) a *Estética da Recepção*, estudo que propõe uma mudança de paradigma nos Estudos Literários: a reformulação da historiografia literária e da interpretação da obra.

Zappone (2004) recupera as ideias de Terry Eagleton sobre as três grandes fases da Literatura para orientar o pensamento sobre a moderna teoria literária. A primeira, situada no século XIX, marcada pela crítica romântica, residiria nos estudos autobiográficos do autor. A segunda, já no século XX, estaria em uma preocupação excessiva com o texto (estruturalismo, *new criticism*, formalismo russo). A terceira englobaria estudos contemporâneos de estudos literários (dentre eles, a *Estética da Recepção* e suas vertentes) que colocam o leitor como figura central.

2.4 A Estética da Recepção de Hans Robert Jauss

Em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss faz duras críticas à história literária. Segundo ele, “nos últimos 150 anos, a história dessa venerável disciplina tem inequivocadamente trilhado o caminho da decadência constante” (JAUSS, 1994, p. 5). Jauss analisa dois modelos adotados pela história da literatura. O primeiro modelo pode ser encontrado nas literaturas contemporâneas. Ele ordena o material segundo tendências gerais, gêneros e outras categorias; depois, faz uma abordagem das obras de maneira individual e em sequência cronológica. Utiliza a biografia dos autores e a apreciação do conjunto de sua obra seguido de passagens aleatórias e digressivas. O segundo modelo reflete o cânone dos autores da Antiguidade Clássica: ordena o material em apenas uma direção, seguindo a cronologia dos grandes autores, apreciando-os de acordo com a vida e a obra deles. Ambos os modelos, para Jauss, são problemáticos. O problema do primeiro é que não se pode tomar como histórica uma apresentação dos gêneros, e também não cabe ao historiador emitir opiniões subjetivas acerca de obras passadas, e sim atuar de maneira objetiva ao descrever os fatos. Já o problema do segundo modelo é o de enfileirar autores cronologicamente em sua descrição de literatura, pois isso não seria história. Nas palavras de Jauss (1994, p. 7-8),

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório [Folgerverhältnis] do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito [Wirkung] reduzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes da mais difícil apreensão.

Jauss (1994, p. 14) critica as duas correntes antagônicas que tentaram “resolver o problema de como compreender a sucessão histórica das obras literárias como o nexo da literatura”. São elas o Marxismo e o Formalismo. A teoria literária marxista considera somente os reflexos sociais presentes na obra. Eles é que mediriam o grau de importância de uma obra. Os resultados obtidos, segundo Jauss, são considerados ingênuos. Outro problema enfrentado pela teoria marxista é que ela é “presa à estética classicista” (JAUSS, 1994, p. 16) A teoria formalista coloca a literatura como objeto autônomo, desvinculando a obra do contexto em que ela está inserida. Assim, a crítica de arte poderia ser concebida como um *método racional* que perdurou e trouxe contribuições. Após negar a historicidade da literatura, logo depois resgata os princípios da diacronia: “o literário na literatura não é determinado apenas sincronicamente – pela oposição entre as linguagens poética e prática –, mas o é também diacronicamente, por sua oposição àquilo que lhe é predeterminado pelo gênero e à forma que o precede na série literária” (JAUSS, 1994, p. 19). Apesar desse “feito”, para Jauss “o desenvolvimento da literatura não pode ser determinado apenas de forma imanente, através de sua relação própria entre diacronia e sincronia, mas há de ser definido também em função de sua relação com o processo geral da história” (Jauss, 1994, p. 20)

Jauss (1994, p. 22) considera insuficientes ambas as escolas críticas, uma vez que “seus métodos compreendem o *fato literário encerrado* no círculo fechado de uma estética de produção e da representação”, mas não nega a importância do aspecto social e estético. O autor entra em uma dimensão, até então privada: a dos leitores, ouvintes, espectadores. “Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa” (JAUSS, 1994, p. 23). A obra literária é, para Jauss, condicionada por uma relação dialógica entre literatura e leitor. Essa relação não seria apenas a evidente da comunicação, mas também a relação vista com implicações históricas e estéticas.

A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética. (JAUSS, 1994, p. 23)

Jauss apresenta sete teses para fundamentar sua metodologia e reescrever a história da literatura. Logo na primeira tese, Jauss (1994, p. 24) mostra que:

A historicidade da literatura não repousa numa conexão de ‘fatos literários’ estabelecida *post factum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Essa mesma relação dialógica constitui o pressuposto também da história da literatura. E isso porque, antes de ser capaz de compreender e classificar uma obra, o historiador da literatura tem sempre de novamente fazer-se, ele próprio, leitor.

Assumindo uma posição contrária à concepção positivista, que apresentava a obra como um objeto atemporal que existia por si só, como um monumento, Jauss vê a obra como uma “partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (Jauss, 1994, p. 25). O saber filológico resultaria da relação dialógica entre o leitor e o texto, e não no congelamento de fatos. Segundo Jauss (1994, p. 25), “a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico que sobre eles reflete”. A soma dos fatos literários vista apenas como coleta e classificação do passado, consistiria apenas em pseudo-história. Nesse sentido, Jauss vê diferença entre fato histórico e o acontecimento literário. Um fato histórico seria *action* que teve suas premissas e pode ser desenvolvido posteriormente, independente do leitor. O acontecimento literário, pelo contrário, não existe por si só; ele só produz efeito se houver um leitor e outros escritores que desejem imitar ou refutar uma obra.

A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte da expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra. Da objetividade ou não desse horizonte de

expectativa dependerá, pois, a possibilidade de compreender e apresentar a história da literatura em sua historicidade própria. (JAUSS, 1994, p. 26)

Na segunda tese, Jauss (1994, p. 28) aponta para a necessidade de se ter um saber prévio “com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experimentável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto de experiências”. A obra não surge como novidade, uma vez que traz sinais visíveis e invisíveis, sistemas histórico-literários ao seu público. Esses sistemas carregam certas convenções literárias, como marca de gênero ou estilo e ajudam a evocar propositalmente o “horizonte de expectativas”. Há casos, no entanto, em que a obra está menos delineada ao seu público.

[...] na ausência de sinais explícitos, a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. (JAUSS, 1994, p. 30)

Na terceira tese, o autor traz a noção de distância estética, ou seja, a distância entre o horizonte de expectativa que pré-existe ao público e o horizonte de expectativa resultado do aparecimento de uma obra nova. Essa distância “determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária” (JAUSS, 1994, p. 31). Se a distância é pequena, se aproximaria ao que o autor denomina “arte culinária”. Seriam o que hoje conhecemos por *best-sellers*. Se o contrário acontecer, o valor estético é maior, uma vez que “um esforço particular faz-se necessário para que se possa lê-la ‘a contrapelo’ da experiência que se fez hábito e, assim, divisar-lhe novamente o caráter artístico” (JAUSS, 1994, p. 32). Para Jauss, no entanto, não é suficientemente dialético definir somente relação entre literatura e seu público específico, uma vez que há obras que, por romper completamente o horizonte de expectativa, têm seu público ainda se formando aos poucos.

Jauss mostra também, como essencial na construção de sentido, a necessidade de se fazer uma reconstrução do horizonte de expectativa. Isso se justifica ao analisar uma obra do passado, pois como as intenções do autor e seu contexto histórico são desconhecidos é preciso adotar uma perspectiva diacrônica. Jauss critica o objetivismo histórico que acreditava ser

possível apreender o sentido somente por meio de uma análise sincrônica. Segundo Jauss (1994, p. 39), “a tradição da arte pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, relação esta em decorrência da qual a obra do passado somente nos pode responder e ‘dizer alguma coisa’ se aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que a traz de volta de seu isolamento”.

Jauss faz alusão às ideias de Popper, que mostra a importância das frustrações de expectativa para a ciência, pois possibilita que se depare com aquilo que é completamente novo, com a realidade. Já o horizonte de expectativas da literatura, segundo Jauss (1994, p. 52), “distingue-se daquela da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar as possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim novos caminhos para a experiência futura”.

Jauss mostra também como uma nova forma estética pode trazer uma nova percepção sobre o mundo. Sendo assim, parte-se primeiro da forma para experiência revelada. Uma forma estética pode, inclusive, ter consequências morais, como no caso de Flaubert com sua impessoalidade e seu discurso indireto livre, acusado de imoral por um leitor que, usando sua experiência e percebendo essa forma nova, constatou que o autor francês não condenou Madame Bovary. “Uma obra literária pode, pois, mediante uma forma estética inabitual, romper as expectativas de seus leitores e, ao mesmo tempo, colocá-los diante de uma questão cuja solução a moral sancionada pela religião ou pelo estado ficou lhes devendo” (JAUSS, 1994, p. 56).

2.5 Umberto Eco, o leitor-modelo, a obra aberta

Umberto Eco traz contribuições importantes para se pensar a figura do leitor no texto de ficção. Quando trata de seu processo de criação – isso fica claro em *Confissões de um Jovem Romancista*– percebemos que o alto grau de realismo que ele busca atingir em seus romances tem a ver com um tipo de leitor que ele procura criar. Logo no início de *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*, Eco menciona o diálogo entre ele e seu contemporâneo Italo Calvino, que coloca o leitor, em *Se um viajante numa noite de inverno*, como personagem do seu romance tanto com a narração em segunda pessoa quanto na marcação da identidade do protagonista como “o leitor”.

Segundo Eco (1994, p. 4), “numa história sempre há um leitor e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história como também da própria história”. Um texto sem leitor é incompleto. “Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (ECO, 1994, p. 9). Uma vez que a enunciação é um processo vazio que precisa ser preenchido pelos interlocutores, é preciso que haja um *eu* capaz de produzir sentidos a um *tu*. (BENVENISTE, 2005). Pegando emprestado a metáfora criada por Borges, Eco (1994, p. 12) trata do texto narrativo como um bosque:

Um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção.

Um bosque em que o leitor é obrigado a optar, fazer apostas, ter visões. Um bosque em que o leitor pode ter suas expectativas frustradas e em que pode ter liberdade. Liberdade para escolher, dentre os caminhos possíveis, qual ou quais ele pode seguir. De acordo com Eco (1994, p. 15), um autor sempre tem um leitor em mente, um *leitor-modelo*, “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar”. Essa projeção implica uma busca do autor por construí-lo através de indicações, detalhes, ausências.

O *leitor-modelo* não é o *leitor-empírico*. O *leitor-empírico* é você, leitor deste estudo, no momento em que iniciou a leitura. Sou eu, no momento em que você está lendo este estudo, lendo um livro do Kafka. Há, conforme Eco, dois tipos de leitores-modelo: o de primeiro nível e o de segundo nível. O *leitor-modelo* de primeiro nível é aquele que lê para saber como a história termina. Para ele, uma única leitura basta. O *leitor-modelo* de segundo nível é aquele que busca entender que tipo de leitor ele deve se tornar e quais são os mecanismos utilizados para guiá-lo na leitura. Para ele, é preciso mais de uma leitura. Esse *leitor-modelo*, figura integrante e colaboradora, nasce com o texto.

Como tudo na vida tem um limite, a menos que você tenha muita grana, o leitor não pode ir para onde bem entende. E quem dita até onde vai sua liberdade? O autor, “uma entidade empírica que escreve a história e decide que leitor-modelo lhe compete construir” (ECO, 1994, p. 17). Eco, no entanto, não se interessa por esse autor (e este estudo também não se interessará por ele), mas sim pelo equivalente ao *leitor-modelo*, o *autor-modelo*. Ao

analisar a novela *Sylvie* de Nerval, Eco define esse *autor-modelo* como uma voz anônima, um *it*, estilo. Além do mais,

[...] o autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer ao seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo (ECO, 1994, p. 21)

Eco nos mostra que toda obra de ficção sempre emite sinais de suspense. Pensando nisso, o autor pode adotar algumas estratégias a fim de conduzir seu leitor. O autor pode levar, por exemplo, seu leitor a realizar passeios inferenciais, fazendo com que ele ocupe sua posição ativa de direito.

Cabe aqui também pensarmos nas reflexões de Eco em *Obra Aberta*. O autor traz a ideia de que a abertura e o indeterminismo constituem qualquer obra de arte. “Neste sentido, portanto, uma obra de arte, forma acabada e *fechada* em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também *aberta*, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade” (ECO, 2015, p. 68).

Eco faz um percurso histórico a fim de mostrar como o conceito de abertura caminhou até chegar à modernidade. A teoria do alegorismo, por exemplo, desenvolvida no medievo, apresenta três possibilidades de leitura para além do sentido literal da Sagrada Escritura: um alegórico, um moral e outro anagógico. Embora dotada de “abertura”, Eco observa que não se trata de uma obra que leve o leitor a indefinições, uma gama de interpretações possíveis, mas que “há somente um feixe de resultados frutivos rigidamente prefixados e condicionados, de maneira que a reação interpretativa do leitor não escape jamais ao controle do autor” (Eco, 2015, p. 71).

Mais próximo da acepção moderna de “abertura” está o Barroco enquanto forma dinâmica que “tende a indeterminação de efeito (em seu jogo de cheios e vazios, de luz e sombra, com suas curvas, suas quebras, os ângulos nas inclinações mais diversas)” (Eco, 2015, p. 72-73) e, por conseguinte, necessita de seu fruidor uma posição diferente. Não aquela de um mero contemplador, mas sim a de um investigador.

Ao tratar das obras de Kafka, Eco observa nelas um exemplo de “obra aberta por excelência”, uma vez que abre para as mais variadas interpretações. Ele nos mostra que a obra de arte tem, então, uma abertura de potencialidades significativas que podem ser construídas

no contato com o seu intérprete. Essa abertura se dá porque a linguagem da arte permite uma pluralidade de sentidos, em contraposição à linguagem do cotidiano. Cabe ao leitor, com seu aparato cultural, sua bagagem enciclopédica ou mesmo seu estado de ânimo preencher as lacunas deixadas pelo autor. “O leitor do texto sabe que cada frase, cada figura se abre para uma multiformidade de significados que ele deverá descobrir; inclusive, conforme seu estado de ânimo, ele escolherá a chave de leitura que julgar exemplar, e usará a obra na significação desejada” (ECO, 2003, p. 71).

Contudo, há dois tipos de abertura: aquela como constituição de qualquer obra de arte, e aquela como intenção da obra. Nesta, o autor busca ter o controle da abertura da obra, podendo mover o texto de modo a construir seu *leitor-modelo*. Eco também discute a categoria de *obras em movimento*, que são aquelas obras que podem assumir diferentes estruturas.

Com essa poética da sugestão, a obra se coloca intencionalmente aberta a livre reação do fruidor. A obra que “sugere” realiza-se de cada vez carregando-se das contribuições emotivas e imaginativas do intérprete. Se em cada leitura poética temos um mundo pessoal que tenta adaptar-se fielmente ao mundo do texto, nas obras poéticas deliberadamente baseadas na sugestão, o texto se propõe estimular justamente o mundo pessoal do intérprete, para que este extraia de sua interioridade uma resposta profunda, elaborada por misteriosas consonâncias. (ECO, 2003, p. 75)

A multiplicidade de intervenções pessoais que o leitor pode fazer, no entanto, não seria um convite ao leitor para agir de qualquer maneira. O que ele teria diante de si seria uma “obra a acabar”, o que significa dizer que o leitor, ao atribuir sentidos à obra, torna-se também autor dela. Um exemplo significativo dessa “poética da sugestão” pode ser encontrado em Mallarmé. O *Livre*, projeto inacabado do poeta francês, é uma tentativa de escrever um livro com infinitas possibilidades de leituras. A cada leitura, os sentidos apreendidos seriam outros. Nesse caso, o leitor assumiria um papel essencial.

2.6 Hipóteses sobre o *leitor-modelo*

A ideia de escrever um conjunto de contos que dialogassem entre si surgiu em uma brincadeira de oficina. Resolvi incluir em um conto um personagem que já havia aparecido

em outro para ver a reação dos meus leitores, colegas de oficina. Nunca deixei de encarar (e acredito que essa seja uma das decisões que tomei para minha vida) a escrita como um exercício, como uma construção que nunca estará pronta. Conversando com minha amiga Avelina, uma das melhores leitoras que já conheci, escutei dela as seguintes palavras: “Todos os teus contos poderiam ter os teus anões”. Ela se referia ao meu conto *Os três anões*, presente neste conjunto de contos. Talvez ela estivesse brincando ou estivesse me mostrando que, de alguma forma, os anões estavam em outros contos.

As questões que coloco aqui nesse estudo podem parecer simples, mas admito desde já minha incapacidade de chegar a uma resposta definitiva. Com esforço, chego a hipóteses. Refletir sobre o *leitor-modelo* é refletir sobre um ser abstrato que só posso mesmo projetar. Contudo, mesmo dentro desse delírio de ir atrás de algo que ainda não existe, mas que me completa (a vida é feita desses deslocamentos), vou atrás desse *leitor-modelo* a partir das seguintes questões: a) Quem é o *leitor-modelo* dos meus contos? b) Qual a participação que espero dele e quais os elementos da minha obra talvez sejam essenciais para essa participação?

Eu estou presente em todos os meus contos, algum leitor que me conhece poderia afirmar. Roland Barthes e os estruturalistas discordariam dessa afirmação. Para eles, o autor está morto. O que importa é o texto, o leitor. A autoficção, no entanto, coloca a vida do autor como matéria dos contos. Assim, mesmo que a autoficção não seja tema desse ensaio, temos que lidar com o fato de que “assistimos hoje a um ‘retorno do autor’, não como origem e explicação última da obra, mas como personagem do espaço público midiático” (VIEGAS, 2007 *apud* LIMA, 2009)¹. Diante desse retorno, um dos caminhos possíveis a ser seguido pelo *leitor-modelo* dos meus contos é o de pensar nessa tensão entre real e fictício presente na obra. Nesse caso, temos um *leitor-modelo* curioso, que talvez ache necessário vasculhar a minha biografia. Desejo de alcançar um realismo maior na literatura, narcisismo puro do autor ou mero seguidor de uma tendência da literatura contemporânea, não saberia dizer o porquê de a autoficção estar em evidência. O que posso supor é que talvez a escrita autoficcional projete um leitor do século XXI interessado em vasculhar a vida privada do outro, atividade não muito diferente da que fazemos hoje em dia na internet.

¹VIEGAS, Ana Cláudia. O “retorno do autor”: relatos de e sobre escritores contemporâneos. *apud* LIMA, B.

A menos que uma orelha, um posfácio ou um amigo adepto aos *spoilers* entregue o jogo, o leitor que desconheça o diálogo entre os meus contos poderá, antes da leitura, ter sua expectativa frustrada, afinal, o que se espera ao ler um livro de contos é que haja uma autonomia entre eles. Imagino que meu *leitor-modelo*, além de possivelmente curioso a respeito da minha biografia, seja aventureiro, investigador. Não pretendo continuar o projeto de Mallarmé. Estou ciente do relativo controle que exerço na minha obra. Contudo, o *leitor-modelo* que imagino não é impedido (nem por mim e nem por ninguém, espero) de construir a ordem dos eventos dos contos, de fazer as relações necessárias entre os personagens, de preencher as lacunas deixadas.

Como autor, tenho que lidar também com a própria ambiguidade que a linguagem artística carrega. Eco critica Poe por gastar páginas explicando detalhadamente seu poema *O corvo* quando, na verdade, poderia deixar o trabalho para o seu leitor. Leitor esse que pode, inclusive, discordar de Poe. Quando assisto autores em mesas-redondas, seguidor de Eco que sou, nem sempre concordo com as palavras do autor ou da autora, afinal, ao atribuir sentido à obra, embora do lado da plateia, também sou autor. Guto Leite definiu meu conto *Os três anões* da seguinte maneira: “um conto sobre como as minorias se dissolvem”. De tão genial essa interpretação, resolvi que nunca a questionaria. Nem que quisesse eu poderia, pois é uma leitura, dentre tantas outras, possível. Uma leitura realizada por ele a partir de suas experiências e do seu conhecimento acadêmico e de mundo, de sua militância política, da observação de um problema sério: a fragmentação das minorias. Essa interpretação não condiz com a que eu, na ingenuidade ou arrogância de autor (“*mort!*”, ecoaria a voz de Roland Barthes), achava ser a mais correta. Não estou morto, mas sim preso no bosque que eu mesmo criei. Em caminhos opostos ou indo ao encontro do meu leitor, *meu irmão*, *meu semelhante*, como diria Baudelaire. Por isso que, ao ter leitores, já não posso dizer *meus* contos, e sim *nossos* contos.

Busquei, nesse estudo, recuperar algumas ideias de autores, tanto daqueles que teorizaram sobre o conto, quanto daqueles que se dedicaram a estudar o papel do leitor, justamente para realçar que sem esse *outro* não existe sentido, e sem sentido, arte. Tentei imaginar quem é o meu *leitor-modelo* com base em alguns elementos dos meus contos: a autoficção, o diálogo entre os contos, a ambiguidade da linguagem artística. Acredito que eles podem ajudar o leitor a construir seus próprios sentidos. Ao encerrar esse estudo, trago as palavras de James Wood, pois eu mesmo não poderia escrever melhor síntese sobre a importância da literatura. Afinal, foi ainda criança, encerrado no quarto lendo livros de

aventura (e sonhando com minhas próprias histórias), que me perdi nos bosques da ficção. “A literatura nos ensina a notar melhor a vida; praticamos isso na vida, o que nos faz, por sua vez, ler melhor o detalhe na literatura, o que, por sua vez, nos faz ler melhor a vida” (WOOD, 2012, p. 63). E mesmo que às vezes eu pense em sair do bosque, quando dou por mim, já fiz morada, não consigo me ver longe, estou perdido.

VOCÊ ESTÁ PRONTO?

As moscas: a história de um graduando

Um zumbido baixinho vai e vem, vai e vem. No começo, não atrapalha a escrita. Depois, as ideias começam a se embaralhar. Até que Graduando não sabe mais a porra que está fazendo.

No dia seguinte, o zelador do prédio dá uma boa olhada no apartamento. Está tudo em ordem.

O homem sai, o zumbido entra. Ainda mais forte. E o pior: não é um, mas vários. Que se misturam e parecem estar cada vez mais próximos, quase dentro dele.

Zumbidos ligeiros zangados sedentos.

Não consegue produzir nada. Prefere sair em uma busca aleatória e desesperada dentro de seu quarto.

De onde eles vêm? De onde eles vêm?

Inútil

é a procura

no labirinto

Quando não tem mais forças, desaba na cama. De bruços, o travesseiro sobre a cabeça tenta abafar os zumbidos.

Merda.

E se tudo for coisa da sua cabeça?

Merda.

Olha-se no espelho. Os olhos inchados, os cabelos despenteados, a roupa de vários dias.

Merda.

Cinco páginas inteiras. O texto precisa ser claro o suficiente, as citações não podem parecer vomitadas. Uma escrita fluída como a dos grandes autores. Roland Barthes apreciaria? *Évidemment, c'est incroyable !* Na releitura: merda, apenas um parágrafo se salva.

o fracasso

o abismo

a queda.

Não consegue mais segurar. Vai até o banheiro. Cochila no vaso. Acorda com o barulho do celular. A baba grudada no canto da boca, uma dor na cervical. Mensagem do Professor:

“Olá, Graduando. Tudo pronto para amanhã?”

A mensagem é de ontem. O amanhã é hoje e hoje ele precisa estar pronto. Hoje. Ele. Precisa. Estar. Pronto. Para o quê mesmo?

Quantas vezes você esteve pronto? Justifique sua resposta relacionando suas lembranças com os textos teóricos trabalhados.

O celular avisa que passaram quarenta e cinco dias. Quarenta e cinco dias de hibernação. Quarenta e cinco dias sem produzir nada.

Um barulho vindo do seu quarto. Ladrões? Uma mosca sai debaixo da porta do quarto. E depois outra. E depois outra. E depois outra.

Em pouco tempo, quinze moscas voam em volta da porta.

O barulho é como o zumbido de antes. Só que mais forte, mais assustador.

Ladrões? Precisa que sejam ladrões, e não moscas. Que levem tudo, desde que deixem seu computador. Há muito trabalho pela frente. Os zumbidos lembram a voz do Professor. Pronto para o quê? Para o assalto? Para as moscas, não. Não.

A porta se abre.

E quando as moscas saem da frente, o pesadelo: mais moscas, de vários tamanhos e formas, devoram seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Só dessa vez

Tu deves ter ouvido falar de R., um autor novo que está lançando seu primeiro livro de contos. Deves ter lido no jornal uma resenha escrita por Guto Leite elogiando-o. Deves ter ouvido no caminho do trabalho a entrevista no rádio em que R. fala de seu processo criativo. Deves também ter visto vários dos teus alunos da graduação segurando o livro da nova promessa da literatura contemporânea. Mas não estás nem aí.

À noite, no restaurante, ela pergunta “Já leu R.?”. Ainda que queiras dizer “Não, e não tenho vontade” ou “Não leio autores contemporâneos há muito tempo, pois eles soam todos iguais”, não falas nada. Queres que ela mude a impressão que tem de ti, de que és arrogante. Evitas que uma discussão ou um silêncio duradouro acabe com toda a noite.

Perguntas se ela casou, se tem filhos, se terminou o doutorado. Mesmo que não queiras saber nada disso. Queres, na verdade, que ela te faça as perguntas. Ela não faz. Não parece nem um pouco interessada em saber como estás. Por mais que tenha negado isso desde sempre, nunca soubeste escutá-la. Ignoraste as crises de ansiedade, os problemas financeiros, as brigas constantes com a mãe, os abraços de que ela precisava.

“O texto de R. é brilhante”. Em outros tempos, quando ainda a literatura te empolgava, tu dirias que não. E mostrarias exatamente o porquê. Mas hoje, sem forças para discussões que não levam a nada, apenas escuta e balanças a cabeça concordando.

Ela era tua melhor aluna, repete em silêncio e, em determinado momento da noite, quando o vinho te dá coragem.

Vocês brindam e bebem o vinho. Rosé, como ela gosta, embora tu prefiras seco. A primeira vez que beberam juntos. Como poderias esquecer?

Festa da turma de Teoria Literária I. Até então tu nunca tinhas interagido com nenhuma aluna fora da aula. Ao fazer o convite, ela te disse que todos queriam que tu fosses. Sabias que aquilo era mentira, que ninguém gostava de ti. Mas aceitaste o convite, com a esperança que fosse ela quem queria a tua presença. Os olhares dela pra ti de admiração, de felicidade. A mão dela tocando na tua, mesmo que querer. A conversa agradável a noite inteira. O táxi dividido. A torcida para que vocês pegassem um trânsito e continuassem a conversa. O beijo no rosto.

Como poderias esquecer?

“O texto de R. é simples, mas bem escrito. Consegue causar um desconforto no leitor.” Desde quando isso é novidade, tu te seguras para falar. Poderias completar que esse autor não faz mais do que copiar o que foi feito no século XX na França. E repetir o que é feito no século XXI. Não falas nada. Apenas continuas a balançar a cabeça fingindo que concordas com ela. Nunca irás admitir que muitas vezes tu sabias que ela tinha razão. Agora, tu tens a chance de confessar isso pra ela, sabes que ela gostaria. Mas não. Estás velho demais para pedir desculpa.

Se ao menos o tal autor fosse razoável, poderias fazer algum esforço para elogiá-lo. Olhas para o relógio. Os pratos estão vazios, ela recusa a sobremesa e tu fazes o mesmo. O silêncio que tanto temias chegou.

“Está tarde, não?”

Tu fazes questão de pagar a conta. Ela não aceita, tira o cartão e paga a parte dela. Deverias ficar feliz por ela ter aceitado o convite. Mas não ficas. Olhas para ela tentando encontrar a menina com o brilho nos olhos que conheceste.

Tua aluna preferida.

Vocês saem do restaurante. Como dois amigos antigos ou apenas desconhecidos que, por acaso, seguiram o mesmo caminho?

Por sorte, ela ainda mora no mesmo lugar. Tu não perguntas, mas tens certeza que ela comprou o apartamento. Propões que dividam a corrida. Ela aceita. Dentro do carro, só ela fala. “Os contos de R. são surpreendentes”, “o que eu mais gosto é o dos anos...”. E, de repente, tu pensas que se abrisse a porta do carro e saltasses ali mesmo ela pararia de falar de R. e a merda que é a literatura de R.

Ela paga o motorista e desce. Tu a acompanhas, mesmo sem ser convidado. O apartamento é exatamente como imaginavas. Organizado, limpo, com um cheiro de plantas. Lembras da vez em que ela se voluntariou para limpar teu gabinete e tu brigaste com ela dizendo que a organização te incomodava. Lembras de como tu te acostumaste (mas não disse a ela) com o teu gabinete exatamente como ela havia arrumado e como sentiu falta daquela arrumação quando ela partiu.

Aguardas ela passar o café. Enquanto ela está na cozinha, caminhas pelo apartamento olhando as fotografias, os quadros, os objetos. Tudo de bom gosto e simples, a maioria de

viagens. Parece ter uma vida boa, vive sozinha, talvez dê aula em uma dessas universidades particulares, talvez tenha uma relação secreta, perigosa, com um companheiro de trabalho?, talvez tenha um gato trancado em um dos cômodos, uma sobrinha, talvez o pai já tenha morrido, talvez de câncer, talvez a mãe esteja no interior, talvez a mãe venha para a capital com frequência para consultar no médico e talvez a relação entre elas tenha melhorado, talvez ela tenha conseguido perdoar a mãe.

E ela, te perdoou?

Tu vais até a estante dela. Achas pequena demais para uma estudiosa da literatura. “Onde está teu romance?” perguntas em voz baixa pra ti mesmo. Aquele livro que só nasceu com o apoio dela. Aquele livro que ela pedia para tu leres em voz alta. Aquele livro que ela não entendia por ser uma leitora imatura, mas que se fascinava por saber que era algo de qualidade.

“Onde está o teu romance?”

Vês a porta entreaberta do quarto e o invade. A cama de casal. Tem vontade de deitar ali, mas não deita. Na mesa de cabeceira, a luz de um abajur, um livro. O teu romance?

Não, é o livro de R.

Tens certeza de que R. é mais um desses charlatões que utilizam procedimentos literários clichês para enganar seus leitores. É o que tu chamas no livro que estavas escrevendo nos últimos anos, mas que não tens ânimo para de terminar, de *autor-vazio*. Sentado no sofá da sala com uma xícara de café na mão, modulas mentalmente como falarás isso a ela. Mesmo que vocês briguem e ela diga coisas que tu não gostes. Mesmo que ela resolva jantar, na próxima vez, com qualquer outro do passado dela que não sejas tu. Mas quando ela volta para sala e te estende o livro de R. pedindo que leias em voz alta para ela, tu cedes. Só dessa vez.

O primeiro a três ou uma história de amor

Acordei me sentindo um pouco estranho. O pessoal me falou que é assim mesmo na primeira vez. As mãos suadas, o estômago doendo, a boca seca, o medo que as coisas não saiam como o planejado.

Fecha os olhos, inspira e pensa que tudo vai dar certo. 1, 2, 3 e solta o ar bem devagar. Se algo der errado sou menos homem? Fecha os olhos, inspira e pensa que tudo vai dar certo. 1, 2, 3 e solta o ar bem devagar. Se algo der errado procuro um médico?

No trabalho, a cara de quem está muito ocupado, mas na verdade estou a manhã lendo textos da internet para estar 100% para a grande noite. No almoço com os colegas, o bolão do dia é pra saber quem será a nova estagiária que o chefe vai comer.

Depois do expediente, no bar, a história do mendigo que declama Baudelaire na sinaleira em francês e o riso da plateia. Após uma despedida triunfal, um deles anuncia em voz alta:

Senhoras e senhores, falta pouco para o graaaaaaande acontecimento! No lado esquerdo, pesando 76 quilos recém conquistados com o suor de um treino intenso para definir os músculos e o sacrifício de uma alimentação bem controlada sem carboidratos, medindo 1,79, ele, Narciso, o homem que recebeu a missão divina de representar todos os homens para comer duas mulheres, sim, duas ao mesmo tempo sem pagar nada! Eu quero ouvir os aplausos de todos os homens do baaaaarrrrrr! Do outro lado, pesando 55 quilos, com 1,65, medida certa para qualquer homem, moreninha, marquinha de biquíni conseguida em Capão da Canoa, ela, Jéssica, a mulher com cinco ménage à trois em seu currículo. Aplausos pra essa gostosa! Ao seu lado, ela é ruivinha, baixinha, não temos informação do peso e altura. Ela, que tem 2 ménage à trois em seu currículo, com vocês, a gordinha mais ferosa da cidade, Kellyyyyyyyyy!

Os ponteiros lentos do relógio aumentam a ansiedade. De casa dá pra escutar a torcida no bar entoando cantos bêbados de incentivo enquanto esperam receber fotos e vídeos da grande noite.

O conselho do Lucas, conhecido pela galera do bar como o mito dos ménages por sempre voltar para casa acompanhado por pelo menos duas mulheres. Concentração, lembra que uma vitória é sempre uma vitória. Mais de um orgasmo na noite é goleada. O resultado não importa, o que importa é colocar a bola na rede.

A mente relaxa o corpo não falha. A mente relaxa o corpo não falha.

A casa iluminada apenas por velas e uma música sertaneja que toca baixinho no fundo. O nervosismo ao abrir a porta. Ambas cheirosas. Um ou dois beijinhos? Dois em cada uma. As taças de vinho servidas. Bem cheias. Fiquem à vontade, podem ir ao banheiro, deixem a bolsa no quarto.

Sentadas no sofá assistindo tv, o vinho vai como água. Conversam como se fossem conhecidas. Mais uma garrafa de vinho aberta. Será que falam sobre como fico sexy na cozinha?

Foto da janta para os amigos: salmão defumado com molho de maracujá. Foto da sobremesa para os amigos: torta de limão com chantilly. Foto minha para os amigos: o comedor da noite.

Três copos de uísque para acalmar e se soltar um pouco. Uma leve tontura e a dificuldade de tornar interessante a conversa com aquelas mulheres chatas e mal-humoradas que não querem falar sobre o bolão da empresa nem assistir um dos filmes pornôs da coleção.

Encostado na porta do quarto para ouvir os gemidos das duas.

Grito,

bato,

choro.

Não consigo entrar lá.

Acordo no sofá com a tv ligada em um filme pornô. Uma puta dor de cabeça, o gosto de vômito na boca.

Kelly e Jéssica abrem a porta. Caminham de mãos dadas até a cozinha desviando de todo o vômito.

Kelly passa o café, Jéssica faz torradas, depois combinam um sushi à noite.

Constipação

Eu não costumava cagar em banheiros estranhos. Comigo era assim, só cagava onde me sentisse confortável. Cagar tem a ver com um tipo de confiança que, infelizmente, não tenho. Tenho amigos que cagam como se não fosse nada demais. E depois saem contando para todos, orgulhosos do trabalho feito: “foi a melhor cagada da minha vida”. Lembro que, desde a escola, me sentia desconfortável em ter que usar o banheiro. Tinha medo que alguém me reconhecesse pelo vão da porta. Uma vez cagão na boca dos colegas, sempre cagão. Lembro de quando liguei para o meu pai fingindo estar doente só para sair mais cedo da aula, chegar em casa e dar uma bela cagada. Na universidade, demorei a me sentir à vontade no banheiro. Como eu passava a maior parte do tempo lá e como eu pegava dois ônibus para voltar pra casa era melhor que eu superasse o medo e achasse uma maneira de cagar tranquilo. Sempre admirei a confiança das pessoas. Uma vez vi um filho falar para a mãe antes de entrar no banheiro: “Vou ali dar uma cagada e já volto”. Essa era a confiança que eu queria ter. Ensaiei algumas vezes falar aquela mesma frase. Mas era como se eu nunca pudesse dizer aquilo. Eu poderia reformular o aviso para “Vou ali no banheiro, comi demais”, “Vou ali no banheiro, algo que comi não me fez bem”, “Vou ali no banheiro, estou com um pouco de dor no estômago”, mas todas essas reformulações não passavam a confiança de “Vou ali dar uma cagada e já volto”. Convivi com essa insegurança por muito tempo. Enquanto isso, graças à regularidade com que trabalhava meu intestino, tornei-me um conhecedor de banheiros. Sabia exatamente onde encontrar os lugares mais calmos, mais limpos, os que tinham papel, os que tinham trancadas nas portas, os que tinham sabonetes. Às vezes, à noite, sonhava com o banheiro perfeito. E ele, para minha alegria, além de ser higiênico e calmo, não tinha vãos. Com o passar do tempo fui ganhando mais confiança. “Coisa boa dar uma cagada”, era o que dizia em silêncio, esperando que um dia eu conseguisse verbalizar aquelas palavras. No entanto, em uma tarde, num banheiro em que eu costumava sempre ir aconteceu algo horrível que me causou uma constipação terrível. Eu estava no shopping, em um dos meus banheiros preferidos da cidade graças à limpeza impecável, ao papel de boa qualidade e à música ambiente (foi nesse lugar que percebi que cagar ouvindo música ajudava na evacuação), quando um homem parou na frente da minha porta. Tremi. Seria um conhecido? Eu não podia interromper o que estava fazendo, pois tinha comido demais e bebido muito café. Vi o homem se abaixando para olhar. O velho medo escolar voltava. A essa altura, ao mesmo tempo que eu queria me limpar, levantar as calças e sair correndo, o nervosismo ou o feijoadado que eu tinha comido no almoço despertou em mim uma diarreia. Foi quando o homem me puxou pelas

pernas me tirando do vaso e me arrastando pra fora do banheiro. Durante o caminho, deixei um rastro de uma merda líquida esverdeada. Quando, desidratado, no chão, olhei para o homem, um velho maluco vestido com roupas rasgadas, dei graças a Deus por não nos conhecermos.

O livro de R.

Era final do dia quando R. saiu da livraria com uma sacola de compras. No caminho até a parada, acendeu um cigarro. Não conseguiu segurar a tosse. Tirou o celular do bolso e viu cinco mensagens da esposa. Guardou-o rapidamente, com medo. Dentro do ônibus, um único lugar vago no canto. No seu colo, as compras. Uma caneta ponta fina e um caderno capa dura. Tentou três vezes abrir a janela ao seu lado, mas não conseguiu. Desembaçou o vidro com a mão e viu a imagem de um homem saindo de um carro.

A luz de um poste tornava a imagem daquele homem iluminada. Ele não era muito bonito, tinha o rosto muito fino, olhos redondos demais e o nariz muito grande. Vestia uma camisa azul-marinho por cima da calça preta lisa e um blazer preto. R. logo reparou no brilho daqueles sapatos de bico fino. Seriam tão confortáveis quanto pareciam? R. viu o homem sorrir enquanto falava com alguém no celular.

O ônibus arrancou.

R. pensou naquele homem por algum tempo. De onde o conhecia? Logo se deu conta que já tinha visto seu rosto inúmeras vezes na livraria. Era um costume se lembrar dos autores mais procurados, da mesma maneira que, sem hesitar, sabia a localização precisa do livro e quanto ele custava. Ainda que o rosto do homem estivesse um pouco diferente das fotos das contracapas, ele tinha os mesmos olhos redondos e o nariz grande. R. era o encarregado de tirar os livros das caixas e organizá-los em suas respectivas seções. Antes, folheava um pouco, lendo o suficiente para pegar a ideia principal do livro e quem era seu autor. Por vezes via o próprio rosto no final de cada livro. Sempre repetia que aprendia muito naquele trabalho, embora recebesse uma miséria. Em um desses dias, alguém falou que ele deveria se tornar um escritor.

R. sentiu seu bolso vibrar. Mais uma mensagem da esposa. Depois de quinze minutos, recebeu outra mensagem. Não precisava nem ler para saber do que se tratavam. Eram sempre sobre os mesmos assuntos, os dramas que se esperam de uma mulher de meia idade. Desligou o celular e tirou os objetos da sacola. Abriu o caderno, olhou fixamente para aquelas páginas em branco e deixou sua mão conduzir a caneta.

Dia de lançamento do livro. R. limpa a testa com um lenço momentos antes de uma voz anunciar seu nome, e senta-se onde a multidão pode vê-lo. Passa a falar um pouco sobre

sua relação com a literatura, lembrando que foi ali, naquela livraria, que tomou gosto pela leitura e que foi ali, naquela livraria, que nasceu como escritor.

Primeiro as palmas em pé, depois as grandes filas para os autógrafos e fotos. A champanhe com os editores, a champanhe com os produtores que querem transformar seu livro em filme. As entrevistas para os jornais, canais de televisão e revistas especializadas em literatura contemporânea. No final da noite, a conversa demorada com a estudante de letras, a transa apressada e cheia de tesão no estacionamento da livraria no seu carro novo e potente.

O ônibus parou de maneira brusca. O motorista conseguiu parar a tempo de não atropelar um vira-lata. R. estava praticamente sozinho no ônibus. Em casa, a mulher o esperava. Queria saber por que raios ele não tinha respondido as mensagens.

Jantaram em silêncio. R. mal tocou na comida. Uma dor de cabeça forte o fez deitar em seguida. Dormiu com o gosto de champanhe na boca, acordou com o cheiro do bafo da esposa.

O Homem Pelado

Lembro-me dele: sentado, a postura impecável, uma das mãos segurando uma xícara de café, a outra, um livro. Lembro-me do lugar: um café no centro de Porto Alegre. A pouca iluminação, os móveis rústicos, os quadros com toques surrealistas pintados por artistas locais. Dois garçons indo de mesa em mesa para conferir os pedidos. O dono, um baixinho careca e mal-humorado no caixa, resmungando. Lembro-me dos frequentadores: quietos, solitários, os olhares perdidos.

Lembro-me do vazio, do desespero.

Eu estava indo para uma aula quando vi aquele café. Por mais que eu passasse todos os dias pela mesma rua, nunca tinha reparado no lugar. Resolvi entrar e pedir um café com leite pra levar. Foi quando ele apareceu. O rosto branco e jovem, os olhos escuros e profundos, o corpo magro. Aqueles poucos segundos que estive diante dele me trouxeram uma estranha sensação de conforto. Do lado de fora do café, vi as pessoas levantando para cumprimentá-lo. Pensei em retornar para ver a cena de perto, mas quando percebi já estava longe, perdido na multidão, desviando de gordas e velhas que se arrastavam, ignorando pedintes fedidos, recusando panfletos de crianças de rua, desconfiando de qualquer um que aparentasse ser ladrão, sentindo um mosaico de cheiros ruins.

Prometi para mim mesmo que voltaria àquele lugar. No entanto, fiquei alguns dias de cama. Ainda não tinha me acostumado ao clima da cidade. Recuperado, voltei. Com as tardes livres e a disposição para escrever, eu ia todos os dias, no mesmo horário, naquele lugar. Mesmo assim não consegui afastar a improdutividade que, nos últimos meses, vinha me atormentando. Nem um parágrafo, nem um esboço, nem um personagem, nem um título. Por acaso, sempre que eu chegava, aquele homem misterioso estava lá. Bebendo café, lendo um livro. As pessoas deixando imediatamente de fazer o que faziam para cumprimentá-lo.

Em uma tarde, após ter tomado mais café que o normal, resolvi ir até a mesa do homem para trocar algumas palavras com ele. Sentia a energia pesada das pessoas me observando. Acho que fiquei um minuto frente do homem, sem falar nada. Voltei ao meu lugar, terminei meu café encarando a página em branco do caderno.

Não dormi à noite.

Resolvi não voltar lá, porém, um dia, ao passar pelo local, fui tomado por uma força incontrolável que me arrastou para dentro. Quando coloquei os pés no café, como se eu

tivesse, enfim, despertado de um longo pesadelo, tive uma ideia: e se transformasse aquele homem misterioso no personagem da minha história?

Eu só tinha uma descrição física detalhada e algumas informações rasas e isso, embora pudesse satisfazer um leitor comum, não me satisfazia e não satisfaria um leitor mais exigente.

Passei a manhã hesitante: conversaria ou não com os frequentadores e os garçons do lugar? Decidi que sim. Tiraria o máximo que eu conseguisse daquelas pessoas.

As pessoas não só me olharam com indiferença e desprezo, como se eu fosse um desses vendedores impertinentes, mas também deram um jeito de mostrar que eram pessoas ocupadas. Os garçons esquivavam-se das minhas perguntas dizendo que não podiam dar informações sobre os clientes.

No dia seguinte, antes que eu entrasse no café, um homem sujo usando roupas velhas e gastas me abordou. Senti um forte cheiro de álcool. Eu estava prestes a dizer que não tinha nenhum trocado quando escutei, em meio a sua fala arrastada e desconexa, algo que me interessou: ele tinha informações sobre o homem misterioso do café. Disse saber exatamente quem eu era e o que eu pretendia. Tirei a carteira do bolso, pronto para pegar algum trocado. Me disse que não queria dinheiro, queria algo bem específico, algo que só ele poderia fazer: escrever o prefácio do meu livro. O homem me falou que foi crítico literário e professor de francês quando um acesso de tosse o interrompeu. Antes que ele pudesse voltar a falar, respondi que aceitava.

Ele apertou minha mão bem forte e começou a falar. Me contou sobre o dia em que o Homem Pelado, como ele gostava de chamá-lo, apareceu.

Aquele bêbado tinha acabado de dar nome ao meu personagem e título a minha história

Era início da tarde. O Homem Pelado estava perdido, procurando outro endereço quando resolveu parar ali para descansar e tomar um café. Foi recepcionado pelo dono, um homem com a habilidade de reconhecer um bom e um mau cliente, e foi conduzido até uma mesa pelo garçom, um adolescente gordo de aparelhos nos dentes. Logo sua presença despertou uma inquietação nas pessoas. A primeira impressão, a mais óbvia, a de que se tratava de um homem doente, um tarado, um estuprador, em pouquíssimo tempo mudou. As idas ao café foram se tornando cada vez mais frequentes. Até que se tornaram parte essencial

daquelas tardes. As pessoas não só se importavam com sua presença, mas apreciavam ela, precisavam dela. Mas ninguém tinha coragem de conversar com ele. No máximo, davam um rápido e tímido cumprimento que era retribuído com simpatia. O Homem Pelado trazia somente um livro na mão de onde tirava umas notas para pagar o que consumia. Chegava pouco depois do almoço, partia antes de escurecer.

Não entendia como as pessoas aceitavam o Homem Pelado com tanta naturalidade. Mesmo sabendo que ele só voltaria na tarde seguinte, sua mesa era conservada vazia e limpa desde que o café abria. Um dia, esperei o homem ir embora e fui até seu lugar. Quando sentei, um dos garçons apareceu e perguntou se eu não poderia me levantar, pois aquele lugar estava reservado.

No dia seguinte, algo inesperado aconteceu enquanto eu, discretamente, observava o Homem Pelado: ele acenou para mim de longe, como se eu fosse um conhecido. Fiquei, por alguns instantes, sem saber o que fazer. Seria mesmo pra mim?

Teria devolvido o cumprimento, caso uma mulher não fosse na direção dele para cumprimentá-lo.

Tirei o caderno da mochila, irritado, e comecei a escrever.

Fui embora do café após os garçons me avisarem que já estavam fechando. Nunca mais voltei a escrever algo tão bom.

A cidade, à noite, era diferente. O comércio fechado, a multidão inexistente. Com exceção de um ou outro trabalhador correndo para pegar o ônibus, as pessoas que eu via eram, no mínimo, suspeitas. Algumas fumavam em becos escuros, outras se serviam de lixo, outras entravam e saíam de portas secretas de onde se ouvia música alta e vozes.

Em casa, não consegui dormir. Levantei da cama de madrugada, preparei um chá. E se a minha história não estivesse boa? Peguei meu caderno da mochila e a surpresa: as páginas estavam em branco. Olhei página por página várias vezes. Tudo em branco. Eu estava certo que, em um momento de distração, alguém tinha roubado minha história. Mas quem? Logo desconfiei da única pessoa que sabia do meu plano: o bêbado.

No outro dia, sem dormir e vestindo uma roupa velha, voltei ao café determinado a recuperar minha história. Quando cheguei lá, estava fechado. Olhei o relógio com a esperança

que abrisse mais tarde. Olhei através do vidro para ver se via alguma movimentação. O lugar estava vazio. Sem mesas, sem pessoas, sem nada que confirmasse que um dia existiu ali um café ali. Só consegui ver um pedaço de madeira que parecia a moldura de um daqueles quadros surrealistas.

O excesso de gente na rua embaralhava meus pensamentos. Foi quando percebi um espaço no meio da multidão. Uma abertura estreita e longa por onde um homem caminhava. Ele estava de costas, mas não poderia deixar de reconhecê-lo. Era o Homem Pelado. Ele caminhava devagar, com elegância. Essa foi a primeira vez que o vi na rua. Uma das mãos segurando um livro, a outra, um papel amassado que só podia ser a minha história. Embora eu não pudesse ver seu rosto, sabia que ele sorria para as pessoas. A multidão, uma plateia hipnotizada. E também um obstáculo. Tentei alcançá-lo, mas não consegui. Já não podia mais vê-lo. O Homem Pelado tinha desaparecido com a minha história para sempre.

A decisão

Quando saísse da prisão, seria poeta. Estava decidido. Viver do crime não era mais para ele. Buscava uma vida diferente. Com novos obstáculos. Por que não se arriscar na procura dos versos perfeitos? A decisão foi tomada enquanto folheava uns livros de poesia na biblioteca da prisão. As páginas logo trouxeram a lembrança da época da graduação. Durante esse tempo, mesmo tão próximo da literatura, nunca se arriscou. Nem um verso. Sempre gostou de poesia, talvez pela dificuldade que ela oferecia. O poeta era alguém incompreendido. A poesia era um gênero incompreendido. Ele era alguém incompreendido. A recepção de seu único crime, o assassinato da professora de francês que o reprovou no ano de sua formatura, tinha lhe dado um reconhecimento que não esperava. Tanto dentro da prisão quanto fora dela, fãs aguardavam ansiosos sua saída. Quem seria a próxima vítima? Havia uma lista de professores e professoras e apostas altas no mundo acadêmico por todo o país. Mas quando saísse da prisão, inebriado de inspiração, decepcionaria a todos e seria poeta. Estava decidido.

Um pequeno incidente

Aquele teria sido um ótimo dia para acordar, não fosse o som do interfone fazendo descer as escadas às pressas.

Na mesa da cozinha, uma fatia de pão com manteiga em um prato, o café passando na cafeteira, o jornal embalado. No chão da sala, uma mochila aberta com livros e um notebook. Em cima da cama, uma calça jeans escura, uma cueca verde, uma camisa salmão, um par de meias cinza e um sapato preto.

Ele vestia uma camiseta de corrida amarela e velha, um calção vermelho desbotado e um chinelo de dedos.

Ao contrário do que pensava antes de descer as escadas, não estava esperando nenhuma encomenda. Conferiu a caixa de correio. Apenas um envelope. Achou que seria uma dessas propagandas insuportáveis. Mas não. Estava em nome dele e não tinha remetente. Rasgou o envelope e puxou uma folha de caderno com uma mensagem escrita à mão. A letra tremida, quase indecifrável:

Lamento ter faltado ao seu enterro, R.

Até mais tarde,

M.

Uma brincadeira. Provavelmente de algum amigo. Mas quem? Alguém que o conhecesse bem, alguém que soubesse que aquele era seu primeiro dia como professor do cursinho pré-vestibular.

Uma brincadeira, uma mensagem de boa sorte. Talvez guardasse o envelope como uma daquelas lembranças malucas de um dia inesquecível.

Parado em frente à porta fechada do prédio percebeu que só estava com a chave da caixa de correio. Refez o trajeto duas vezes olhando para todos os cantos. E nada. Em quatro anos morando ali, nunca havia descido sem as chaves. Antes de sair de casa sempre dava uma batidinha no molho de chaves para ouvir o barulho delas. Mas, naquela manhã, não fez aquele ritual.

Não se desesperou. Chamaria o zelador pelo interfone. Havia deixado com ele um molho reserva justamente para casos de emergência. Tocou uma vez. Não houve resposta. Tocou mais uma vez. Novamente não houve resposta. Fazia frio. Não muito, mas o suficiente

para gelar suas mãos e seus pés. O sol nasceria em breve e em breve já estaria com calor. Tentou mais uma vez no interfone. Nada. Sentou-se em um banco e aguardou.

Com o corpo encurvado esfregava as duas mãos. Que horas seriam? Olhou para o pulso e viu somente a marca do relógio. Não deveria ter descido sem ele, mas como iria adivinhar que alguém faria uma brincadeira a uma hora dessas? Deveria ter pensando que o correio não costumava passar tão cedo. E se chegasse atrasado em seu primeiro dia de trabalho? Certamente não passaria uma boa impressão. Queria estar em seu apartamento. Costumava dizer que o dia só começava após uma boa xícara de café. Não queria pensar, mas quando subisse talvez o café estivesse frio e ele não teria tempo de passar outro antes de sua aula. Não estava nervoso com a aula, apenas um pouco ansioso.

Só podia esperar. E esperou. Por muito tempo. Ao menos era a sensação que tinha. Estava pronto para fazer algo, mas o quê? Havia câmeras e, caso tentasse arrombar a porta, acionaria um alarme barulhento que acordaria os vizinhos, depois viria empresa responsável pela segurança do prédio. Sabe-se lá quanto tempo iria perder se explicando. E a sua aula?

Os vizinhos. Sempre com os narizes empinados, cheirando a classe média alta. Costumava falar com eles só o necessário. Mas agora precisava da ajuda deles.

Tocou o interfone do primeiro vizinho. Como era mesmo o nome dele? Nada. Tocou o interfone do segundo. Desse só sabia que era um velho mal-humorado. Nada. Ao tocar o do terceiro, o da mulher solitária com o cachorrinho barulhento insuportável, e não ouvir uma resposta, deu um tapa tão forte no interfone que machucou a palma da mão.

Sentou-se novamente no banco, mas não conseguiu ficar muito.

Não aguentava mais a situação, mas se convenceu de que só podia esperar. E esperou. E encolhido no banco por causa do frio acabou dormindo.

Quando acordou, estava deitado na rua. Longe de casa. Por mais que quisesse voltar ao seu prédio, não conseguia lembrar o endereço. Levantou com dificuldades, sentia uma dor nas costas e vagou pela rua. Estava com muita fome.

Um dia atípico

Suzana só precisava de uma noite tranquila de sono. No carro, ela, o marido, o rádio tocando *Enjoy The Silence*. Olha no retrovisor o cabelo bagunçado. E se voltasse a ter franja? Quando o sinal fecha, o marido leva as mãos frias até o rosto da esposa. Um carinho no cabelo tenta colocar os fios no lugar. Mas ela vira a cabeça, recusando o gesto. A culpa não é dela, a culpa não é dela. Suzana coloca a cabeça pra fora e grita o mais alto que consegue. O marido aumenta o volume do rádio só para não ter que ouvir os gritos histéricos da esposa.

Suzana está deitada no sofá da casa dos pais assistindo TV em silêncio. Em um domingo normal, o marido estaria ali na sala escrevendo no computador. O pai estaria no escritório da casa revendo um filme antigo. A mãe estaria planejando algum jantar com as amigas pelo telefone. Suzana estaria com a filha no quarto assistindo o desenho animado e insistindo para ela comer a papinha. Mas aquele era um dia atípico. A mãe, que não costumava cozinhar, agora preparava algo para impressionar o genro. Ex-genro, ele diria à sogra. O pai, ignorando os problemas cardíacos, bebia o terceiro copo de uísque. O marido apenas fazia carinho no cachorro dos sogros.

Desde que o genro ligou para os sogros dando a notícia, resolveram que o melhor seria levar Suzana para lá. Quem a conheceu, nunca imaginou que ela seria uma boa mãe. Como filha, fracassou. Como mãe, seguiria os mesmos passos das outras integrantes da família, mães fracassadas também. No entanto, na décima semana de gravidez, quando sentiu o bebê se mexer na barriga pela primeira vez, algo aconteceu. Vontade de expulsar aquele corpo estranho ou o instinto materno? A essa altura a ideia de ir até o Uruguai com uma amiga para abortar foi descartada.

Poderia continuar escrevendo poemas. Poderia não ter que doar todos seus livros para deixar o apartamento com uma decoração à altura. Poderia comprar roupas baratas. Poderia fumar uma carteira de cigarro em um dia. Poderia tirar um final de semana para dormir. Poderia sair com o pai para conhecer os cafés da cidade. Poderia ir a uma festa só para dançar. Poderia transar só para saciar uma vontade ou para não dormir sozinha. Poderia fazer um mestrado na Inglaterra, depois um doutorado na França. Poderia não se preocupar com os pelos no corpo. Poderia engordar e não ter vergonha de si mesma. Poderia brigar com a mãe sem precisar fingir que gosta dela. Poderia continuar saindo com suas amigas da faculdade. Em vez disso, casou e teve uma filha.

Suzana veste um pijama largo e velho do *Looney Tunes*. Troca de canal o tempo todo pelo prazer em apertar o botão e deixa no canal de desenhos. Fuma até o cigarro desaparecer nos seus dedos fazendo de cinzeiro o tapete belga da mãe. A janta está pronta, mas Suzana não levanta. O marido tenta convencê-la a ir até a mesa, mas ela grita. Que ele saia da frente da TV. O pai senta ao lado dela. Paciente, espera até a hora do comercial. Depois pega a filha pela mão e a conduz até a mesa. Ela enche a taça de vinho e bebe com vontade. O pai diz que não é bom beber de barriga vazia e pega a colher para servi-la. Com as pernas cruzadas, segurando taça de vinho, dá uma risada e diz que não vai comer aquela porcaria. A mãe não olha pra ela, apenas serve o genro e pergunta se ele voltou a escrever. Suzana levanta e vai até a geladeira. Prepara um sanduíche com queijo, presunto e maionese. O genro responde que deu uma pausa. Suzana volta com o sanduiche na mão e se joga no sofá. O marido e a mãe se olham, fazendo o mesmo movimento com a cabeça. O pai vai até a filha e senta ao seu lado. Assistem desenho até tarde.

No dia seguinte, Suzana acorda cedo. No banheiro, enquanto escova os dentes, decide que vai voltar a ter franja. A mãe está no telefone, na sala, o pai está trancado no escritório, trabalhando, o marido está no quarto, lendo.

Suzana abre a gaveta para pegar a tesoura e encontra uma escova de cabelo pequena, rosa e com desenho de princesa. Só então se dá conta que falta alguém. E desaba.

Experiência

Quando acordou, sabia exatamente o que fazer. Já não conseguia pensar em outra coisa. Teria coragem? Quem o conhece diria que não, que ele não seria capaz disso. Nem ele pensou que seria. Depois de um tempo, aquilo não lhe parecia tão absurdo assim. Por que não?

Estava no banheiro da universidade quando, por acaso, escutou uma conversa. Um boato envolvendo um professor casado e uma aluna.

Naquele dia, os alunos estavam inquietos. Foi preciso chamar a atenção deles uma, duas, três vezes. Resolveu terminar a aula mais cedo. No almoço, a história ganhava mais detalhes pela boca das colegas de trabalho. Na noite passada, o professor e a aluna foram vistos jantando juntos num restaurante. Quem os viu? E por que não conta quem é o professor? Ele ficou sabendo pelas colegas de trabalho que os alunos tinham feito um bolão para descobrir quem era o tal do professor. Mas que ficasse tranquilo, pois ele tinha sido o menos votado.

Na volta para casa, recebeu uma mensagem para que comprasse vinho para a janta. E, de repente, lembrou do tradicional jantar romântico de aniversário.

Beberam uma garrafa inteira. Conversaram sobre o trabalho de ambos. Sem querer ele deixou escapar a história do professor e da aluna e do bolão. Ele não esperou que ela desse tanta importância à história. Ela fez exatamente o contrário. Exatamente como seus alunos. Pegou uma caneta e anotou em uma folha o nome de todos os professores casados. Quem poderia ser? Excluiu rapidamente os da linguística. Sobraram os de literatura, inclusive o marido. Por um minuto ele ficou apreensivo. Estar naquela lista, como um criminoso? Isso durou apenas o tempo de ele ir pegar mais uma garrafa de vinho para ambos. Quando voltou, seu nome já estava riscado. Quais critérios ela teria usado para eliminá-lo? Ainda faltava a sobremesa, o presente, a lingerie nova. Embora estivesse realmente cansado, não podia fugir disso. Ela continuava concentrada em sua missão. Até dormir no sofá.

Acordou um pouco tonta, tentando se lembrar dos seus últimos momentos antes de dormir. O banheiro. Precisava chegar até ele, era questão de vida ou morte. Baixou a calcinha. Lembrou que tinha comprado especialmente para a noite. Não era desconfortável como achava que seria, mas se sentia gorda demais para ela. Eram os hormônios, dizia ao marido, mas, escondida, fugia da alimentação regrada do casal, dando escapadinhas nos intervalos do

trabalho para comer doces. Eram suas pequenas aventuras secretas. Precisava fazer sacrifícios. Na loja, se imaginou em cada lingerie com a certeza de que nenhuma ficaria bem. Lembrou-se das conversas com as colegas de trabalho e acabou escolhendo uma dessas bem pequenas. A bexiga estava quase estourando. Não deveria ter bebido tanto, não deveria ter estragado a noite. Pra compensar, não voltaria a dormir. Tirou a roupa e ligou o chuveiro. Um banho faria bem.

Quando ele acordou, a bagunça de ontem tinha desaparecido. A mesa do café estava arrumada. Ela já tinha saído para trabalhar. Serviu-se de café. Na mesa, um embrulho com um cartão. “Para suas ideias, parabéns! P.S: desculpa ter bebido tanto e ter estragado a noite ontem. Prometo compensar.” Ele pegou uma fatia de pão e colocou na torradeira. Abriu o embrulho: um caderno.

“História entre um professor e uma aluna”. Escreveu. A letra tremida, inclinada pra baixo, saindo da linha.

Na universidade, nada de novo. Meia dúzia interessada na aula, enquanto a maioria bocejava. O fato novo da semana era a história do professor. Como andaria o bolão? Enquanto os alunos respondiam em silêncio umas questões que ele passou no quadro, ele analisou de forma discreta as alunas. Tinha a impressão de que a maioria tinha o mesmo corte de cabelo e a mesma maneira de se vestir. No final da aula, esperou que a sala ficasse vazia, fechou a porta e as janelas e ficou um tempo na sala, sozinho. A memória boa o ajudou a lembrar o lugar de cada uma.

Quando voltou pra casa, ela fez algo que queria ter feito há horas: tirou a calça jeans, o sapato, se jogou no sofá e ligou a TV. Iria sugerir a ele que pedissem algo pra comer. Ele aceitaria a ideia. Achou estranho o fato de ele não estar em casa ainda. Chegaria cansado. Cheio de assuntos sobre suas aulas, sobre os problemas com os colegas de trabalho. Pelo menos tinha a história do professor e da aluna pra aliviar um pouco a conversa. Ela sempre o escutava, ela precisava fazer isso, mesmo que às vezes fosse cansativo. Às vezes só queria que eles pudessem assistir juntos algum *reality show* sem que ele fizesse comentários acadêmicos. Olhou para o celular. Nada do marido. A essa hora ele já deveria ter voltado. Não costumava sair, e quando isso acontecia, ela sabia. Ficava aliviada por ele poder relaxar um pouco, embora escutasse, no dia seguinte, que na verdade ele preferia estar em casa lendo. Ligou para ele. Caixa postal. Ligou novamente. Caixa postal.

Ele abriu a porta e caminhou devagar. Tirou o casaco e largou no sofá. Não era muito tarde, mas ela já tinha ido dormir. Não diria a verdade. Não poderia. Diria que saiu com os colegas para comer algo e que o celular ficou sem bateria. Ela entenderia. Ela o apoiava a sair, achava que a solidão não fazia bem. Foi até o escritório. Percorreu as estantes passando as mãos nos livros, como se procurasse um livro específico. Sentou-se na cadeira e ficou girando, girando, girando. Sentia-se vivo. O presente que a esposa tinha lhe dado estava em cima de sua escrivaninha. “Para suas ideias”. Desde sempre ela foi a sua principal leitora, ainda que muitas vezes não compreendesse muitos de seus textos. Ela, mais do que ninguém, ficou triste quando ele, subitamente, desistiu de escrever. Ao contrário da crítica, que achava seus textos imaturos, sem experiência. Sem experiência. Contrariando a si mesmo, abriu o caderno.

Um fio de cabelo ruivo pode ser apenas um fio de cabelo ruivo que caiu de uma cabeça qualquer. Na maioria das vezes, um fio de cabelo ruivo já foi loiro, moreno. Um fio de cabelo ruivo pode ser a tentativa de aumentar a autoestima. Não me sinto bonita, serei ruiva. Assim, um fio de cabelo ruivo é um grito, um grito pela aceitação. Em alguns casos, apenas uma mudança. Uma incerteza contemporânea, uma forma de libertação, uma moda passageira. Mas um fio de cabelo ruivo encontrado no casaco do marido pode ser uma evidência de que, na noite anterior, naquela em que o marido sumiu sem dar notícias, ele esteve com outra mulher. E pior, ela chegou perto o bastante para espalhar não um, mas vários pela roupa dele.

Naquela manhã, ela acordou um pouco enjoada. Culpou os restos que tinha encontrado na geladeira que comeu na janta. Ligou para a chefe e perguntou se alguma enfermeira poderia substituí-la no hospital.

Ele lhe contou sobre a noite passada. O pessoal insistiu para que ele os acompanhasse num bar. Tinham mulheres? Ele queria ter passado em casa antes pra falar com ela, mas os amigos, conhecendo-o bem e temendo que ele desistisse, não deixaram. Pra piorar, não percebeu que o celular estava sem bateria. Como não demoraria, não se preocupou muito com isso. Acabou demorando, e só foi perceber que estava tarde no caminho de casa. E não, não tinham mulheres. Já tinham descoberto quem era o professor? Não, mas ela poderia participar do bolão organizado pelos alunos, disse, pronto para rir. Ela não riu. Ele mudou de assunto. Falou que ontem, quando chegou em casa, foi até o escritório e começou a escrever. Assim, repentinamente.

Ela teria acreditado naquela história? Teria reparado na insegurança de sua voz ao contá-la? Ele, que se gabava de ser um professor seguro, nervoso para contar sobre a noite anterior? Ela teria gostado de saber que ele voltou a escrever? Ele sabia que sim, mas talvez não tivesse gostado das causas disso. Horas de isolamento em seu quarto. Horas tentando e tentando escrever algo que agradasse a si mesmo e à crítica. Textos imaturos, sem experiência.

Ele foi para o banho.

Ela continuou na mesa. Encarava um pote de manteiga. Quem teria apostado no azarão?

Quantas vezes ela tinha visto o marido feliz? Quando começaram a sair, no auge da paixão, percebeu que o marido era triste. No início, ela pensou que pudesse mudar isso. Mas a tristeza do marido aumentava. Ela sabia que não era a culpada, mas mesmo assim não conseguia deixar de se sentir mal. Mas agora ele parecia feliz. De uma maneira estranha, como se estivesse fingindo ou, pior, aprendendo.

Na universidade, repararam que ele estava diferente. Parecia mais relaxado, mais confiante. Algo com o corte de cabelo ou a maneira de arrumá-lo. Parecia mais jovem. Mais jovem do que ele era. A verdade é que sabiam pouco sobre ele. Que era tímido, casado, desinteressante. Um bom professor. Para quem gostasse de literatura. No bolão, estava em último lugar. Até que, em uma de suas aulas, com um charme desajeitado, disse um clichê sobre romances policiais: às vezes o criminoso é o personagem menos esperado.

Não demorou muito para que uma aluna interpretasse aquela fala como uma indireta, afinal, ela e os colegas tinham quase certeza que a aula não era sobre romances policiais.

Uma indireta que o colocou entre os três primeiros do bolão.

Inspiração. Ele tinha dito que isso não existia. Que existia o esforço, o trabalho duro, o perfeccionismo. Inspiração não. As musas não existem, ele sempre repetia. A verdade é que os contos dele era bem escritos, mas... inspirados? Definitivamente não. Não sabia como dizer, mas se pudesse, diria que eles eram repetitivos demais. Talvez por isso nunca tinha publicado um livro. Uns contos esparsos sim, em revistas e coletâneas, mas com uma recepção inexistente. Mas se não existe inspiração, por que deixar de escrever? Por quê? E por que voltar a escrever? Se não existem musas, existe o quê? Uma amante? Uma amante pode

fazer alguém voltar a escrever? E de repente, em um jantar, ele diz que é escritor, então ela pede para que ele escreva algo especialmente pra ela. Ele quebra a cabeça. Se disser que não escreve mais é fracassado. Mostrar um texto antigo? Não, seria trapaça. Então ele diz que vai escrever, que precisa de tempo, está feliz, excitado, sentindo um tesão novo, uma ereção grande, precisa gozar logo...

Ela abriu a porta do escritório, certa de que encontraria algo. Olhou para os livros. Quantas viagens poderiam ter feito com o dinheiro deles? Não foi difícil encontrar o caderno em cima da escrivaninha. Sentou-se na cadeira. Ela também poderia escrever. Não tinha as inseguranças do marido, nem as ideias esquisitas dele. Mas certamente teria o que contar. Talvez suas histórias fizessem mais sentido. Besteira. Não perderia tanto tempo com os livros. Levantou da cadeira com o caderno na mão e foi até o quarto.

Ele chegou tarde mais uma vez. Depois do trabalho, deu uma passada no shopping. Um livro. Precisava pegar um livro que só tinha lá no shopping. Aproveitou e fez algo que não costumava fazer: comprou roupas. Uma camisa, uma calça, um sapato, cuecas. Há quanto tempo usava sempre as mesmas roupas? Depois foi até um lugar tomar um café, organizar as ideias. Só percebeu a passagem do tempo quando o local estava fechando. Depois do café, sentiu uma vontade de sair de carro pela cidade. Sem rumo, atravessando ruas desconhecidas. Uma aventura. Apenas uma aventura.

Ao escutar o barulho do elevador, ela saltou da cama e foi até o sofá da sala. Estava de pijama, descabelada, os olhos inchados. Encarou a porta, depois o marido. Escutou, apenas escutou todas aquelas explicações absurdas.

Sentia-se aliviado por não ter casado com uma histérica. Ele foi para o escritório animado. Faltava pouco para o fim. O que a crítica diria dessa sua nova fase de escrita? Queria conversar com a esposa, falar sobre seu processo de escrita, como os escritores costumam fazer em mesas-redondas.

E, de repente, uma imagem surgiu em sua mente. E por mais que quisesse ir até o quarto conversar com a esposa, precisou ficar no escritório.

Um homem caminhando no deserto. Não sabia por que, mas precisa escrever sobre ele. Resolveu persegui-lo. Quem era ele? Para onde ia? O homem acelerou o passo. Teria percebido que estava sendo seguido? Ele também acelerou. Ambos pareciam cansados, ambos não cederiam. De costas, o homem se parecia com ele. Quando mais se aproximava do

homem, mais semelhanças entre eles. Até que ele o alcançou. O homem era ele, ele era o homem. Por breves segundos, eles se encararam. Depois, ambos correram em direções opostas. Ambos sozinhos no deserto.

No dia seguinte, ele fez sua mala. Deixou um bilhete para a esposa dizendo que passaria durante a semana para pegar seus livros. Estava pensativo, como se estivesse prestes a escrever uma nova história.

Il faut agir

Algo estranho, muito estranho aconteceu naquela noite. Você não sabe exatamente o que fazer. Se contar a alguém será tido como louco ou covarde. Se deixar que as coisas continuem como estão — ainda que só você acredite nisto —, viverá uma mentira. E você está convicto de que é a vítima de um plano meticulosamente arquitetado que não tem outro objetivo senão arruinar sua vida.

Imagina você acordar em um sofá, desses grandes e confortáveis e perceber que está em uma casa que não é a sua. E o pior, sem saber por que e como chegou lá. Você lembra que na casa onde mora — aquela que você divide com dois amigos da faculdade — só têm cadeiras de praia. O primeiro pensamento que lhe vem à cabeça é que exagerou na bebedeira e acabou dormindo na casa de um amigo ou mesmo de um estranho que acabou de conhecer.

Mas, ao se levantar, o mundo não gira. Sua boca não tem gosto de álcool, mas sim de uma mistura de mau hálito com molho ao pesto. Você caminha em perfeito equilíbrio cuidando para não esbarrar em nada. A situação se agrava quando você resolve explorar a casa e percebe — com um olhar curioso sobre os móveis da sala — que sua imagem está nos porta-retratos espalhados. Às vezes sozinho, às vezes com pessoas que você nunca viu. E em diversos lugares que você nunca iria, como Paris e Nova York. Na maioria das fotos, você aparece com uma menina muito parecida com você. Algo deve ter acontecido e você deve ter ingerido alguma droga que alterou sua percepção.

Você caminha devagar pela casa, com medo de que alguém apareça. Olha a porta, quer fugir, quer gritar. A chave não está na porta. E em nenhum lugar visível. Se for preciso você irá arrombá-la. Mas antes, curioso, você decide sair da sala e entrar por um corredor. Com medo de acordar alguém — caso alguém esteja, de fato, lá —, você toca no bolso procurando seu celular para iluminar o corredor. Mas o que encontra é um celular que não é o seu. O seu é um celular grande, azul e pesado, com botões cinza. O aparelho que você tem é pequeno, fino e muito leve — a ponto de você quase não senti-lo no bolso.

O que parecia estranho, incomum, começa a se tornar um pouco preocupante quando você toca na tela daquele objeto e uma luz se acende mostrando uma foto de você com uma menina e uma mulher que você nunca viu. Vocês estão sentados no mesmo sofá em que você acordou. Você no meio delas. A menina faz uma careta na foto mostrando a ausência dos dentes da frente. Você só tem certeza de que ela não é você quando criança pelas roupas rosa

e porque você está na foto. A mulher sorri, mas você percebe que de uma maneira forçada. Ela se espreme para mostrar somente o rosto, mas o ângulo em que a foto foi tirada deixa escapar uma parte de seu braço gordo. O que mais assusta na foto é você mesmo. Está acabado! Calvo, pele enrugada, olheiras profundas e bigode branco.

Para por um momento, mas tenta se recompor. Suspeita sobre o que pode ter acontecido. Há duas portas do lado direito do corredor, uma do lado esquerdo. Você supõe que no lado direito encontrará quartos e no lado esquerdo um banheiro. E está certo. No primeiro quarto, grande e organizado, iluminado por uma luz fraca, você encontra a mulher da foto roncando como um animal. Ao lado dela, quase imperceptível, a menina.

Você tem certeza de que foi sequestrado. E só agora, — depois de anos, sabe-se lá quantos — você percebe isso. Chamar a polícia ou tentar se livrar sozinho daquela prisão? Há evidências, certamente construídas pela mulher, como aquelas montagens feitas nas fotos, e há a criança — também sequestrada? —, igualzinha a você. Tudo isso parece indicar que vocês são uma família. Mas você sabe que isso é impossível. O que aconteceu com aquela sua namorada — qual é mesmo o nome dela? — que você tinha antes de ser sequestrado?

É mais garantido avisar primeiro os pais e os amigos, assim, se há ainda alguma dúvida de sua sanidade, eles podem confirmar seu sumiço. Eles devem ter procurado você por toda a parte, seu nome deve ter aparecido nos noticiários e mesmo assim a polícia não conseguiu encontrá-lo. Estudante de Letras desaparecido.

Mas agora você está consciente de tudo. Você sai rapidamente do quarto e chega na cozinha. Tira o celular do bolso e, depois de alguns minutos tocando na tela, impaciente, você está pronto para fazer a ligação. Mas, por mais que faça força para lembrar o número deles, não consegue. Não consegue sequer formar a imagem de seus rostos. O que essa mulher fez com a sua vida? Admira a esperteza dela, mas sabe que isso tem que ter um basta.

E você desenha um plano perfeito em sua cabeça. Abre as gavetas à procura de uma faca bem pontuda. Você escuta o barulho da faca cravando e rasgando a pele da mulher, o sangue jorrando e — o mais assustador — a menina vendo tudo. Sente um forte enjoo. Embora o plano seja bom, você começa a ficar preocupado. Corre até a área de serviço e encontra um banheirinho onde, de joelhos, vomita alguma comida esverdeada que não lembra ter comido.

Abre o box e vê uma pilha de objetos antigos, dentre eles um violão. Você lava o rosto para tirar a sujeira do bigode e não consegue deixar de olhar seu reflexo asqueroso. Pega o instrumento e volta para a cozinha. Senta com ele em seu colo sentindo o cheiro forte de ferrugem. Você tenta, mas não consegue formar um simples acorde.

A mulher aparece na cozinha.

Você divide sua visão entre a mulher e a faca na mesa. Escuta ela soltar um bom dia arrastado e perguntar se você dormiu no sofá de novo. Pergunta se você preparou o café, se você arrumou aquele problema no chuveiro. Não, o dia não está bom, você não dormiu, mas foi drogado, não, você não preparou o café — por que teria que preparar? — e não, você não arrumou o chuveiro, você não sabe arrumar chuveiros. Você logo entende que você foi sequestrado, que você é um escravo daquela mulher.

Porém, antes que você responda todos esses não, exigindo sua vida de volta, você vê a menina entrando na cozinha, correndo em sua direção com uma caixa enrolada em papel colorido que ela mal consegue segurar. Você aceita o que acredita ser um presente, sem sorrir e sem dizer nada. Se antes você tinha dúvidas sobre a criança, agora vê com nitidez que ela é cúmplice daquela mulher — e talvez tão cruel quanto. Ela se comporta exatamente como se fosse sua filha.

Você se assusta com a única palavra que a vizinha diabólica consegue dizer: papai. Você rasga o papel colorido com a faca. É um videogame “para você desfrutar das horas de descanso em casa”, diz a mulher sorrindo — como quem gostaria de dizer “para você desfrutar das horas preso aqui após fazer todo o trabalho”.

Eis que você decide entrar no jogo delas. Age como se de fato fizesse parte daquela família, como se tivesse vivido todos aqueles momentos das fotos, como se gostasse das duas. Você prepara um café da manhã inesquecível e diz que o almoço será ainda melhor. A criança vai para a escola, a mulher para o trabalho. Você lava a louça e deixa o almoço pronto.

E depois você desaba com o controle do vídeo game nas mãos. Exausto, esperando o momento certo.

O último jantar

Maria saía de casa todos os dias puxando seu carrinho de supermercado. O barulho das rodinhas rangendo avisava: lá vem ela! Aquele era um dos raros momentos em que alguém podia vê-la fora de seu apartamento. Ainda que sempre um ou dois quisessem arrancar um “bom dia” dela, a maioria apenas a observava naquela longa e lenta caminhada.

Dizem que depois que perdeu o marido e o filho, ela nunca mais falou. Maria tinha o rosto cansado, os olhos tristes, o corpo velho e frágil. Parecia que a qualquer momento iria desmanchar, mas sempre encontrava forças para um próximo passo. Duas horas depois, ela retornava para o apartamento. Como não tinha muito dinheiro, na maioria das vezes voltava sem compras. Quando sentava, uma dor insuportável nas pernas e nas costas. Ligava a televisão e ficava ali. Entre cochilos e idas ao banheiro, esperando anoitecer.

Um dia, ao voltar do supermercado, algo aconteceu. A porta do apartamento estava aberta, a fechadura quebrada, o piso sujo de terra, os móveis tombados. Assalto? Deixou o carrinho na entrada e foi direto ao quarto. A carteira, na gaveta da mesinha de cabeceira, estava vazia. Seu dinheiro do mês tinha sumido. Foi até a sala. A televisão não estava mais lá. Voltou para o quarto, abriu o guarda roupa e tirou uma caixa. Um álbum de fotografias grande com apenas duas fotos. Uma do marido e outra do filho. Deitou na cama, abraçou as fotos, pegou no sono.

Levantou com o rosto amassado sem saber quem era e quanto tempo tinha passado ali. Estava escurecendo. Foi até a cozinha para preparar uma térmica de café. Pegou uma cadeira e, na ausência da televisão, sentou-se em frente à janela que dá para rua. Arrumou a cortina de maneira que pudesse ver sem ser vista e tomou um gole de café.

Um carro para no outro lado da rua. Da porta do carona sai uma mulher. Ela olha para os lados, olha pra trás, faz um sinal de positivo com a mão para a pessoa no volante. O homem a espera sorrateiro atrás de uma árvore. Na mão esquerda, uma faca. A mulher, ao vê-lo correndo em sua direção, dá um grito tão alto que até Maria, que acompanhava aflita a cena, toma um susto e derruba café nos pés. Grita, tira o chinelo e esfrega a pele queimada. Quando levanta a cabeça, o homem está sem calça, levando uma chave de braço de uma segunda mulher, enquanto a primeira corta fora o pênis com a faca. Elas saem de carro e deixam o homem ali na calçada, agonizando. Maria vai até a cozinha e volta com a térmica cheia. A rua está vazia e silenciosa. Mais um gole de café. Passos na rua e uma voz.

Um cachorro e um homem. O primeiro, um labrador simpático. O segundo, um homem desengonçado, cruza de polônês com alemão. Enquanto o cachorro ostenta um pelo marrom bem cuidado, o homem exhibe uma pele visivelmente judiada. O cachorro segura o homem por uma coleira e conversa com ele, como se o animal o compreendesse. O homem coça o saco, dedicado e concentrado. Maria levanta da cadeira, gesticulando para que o cachorro, que está distraído alisando seu pelo, não permita que o homem faça o que ela acha que ele vai fazer. Mas está feito. Uma merda enorme, mole e enrolada como um sorvete.

Amanheceu, a janela aberta

o vento na cortina

sinal de Deus.

Um menino anda pela rua, revira o lixo pegando qualquer coisa que possa ser comida. Senta na calçada e janta ali mesmo um resto de Coca-Cola com um resto de sanduíche. Depois tira do bolso um cigarro e fuma olhando na direção de Maria. Aqueles olhos castanhos, aquele nariz grosso, aquele cabelo bagunçado. O coração de Maria acelera. Lembra-se da vizinha que veio lhe falar, há tempos atrás, sobre um menino que era cara do filho de Maria. Seu neto? Há tempos não o via, desde que o filho partiu com a esposa e o levou para longe. Seu único neto, um pedaço do filho morto. Mas se o neto estava andando pelas ruas, era por que aconteceu o que Maria sempre achou que fosse aconteceu: a desnaturada da nora o abandonou.

Depois de ver o menino, Maria aparecia na janela todos os dias, no mesmo horário, para ver se o encontrava. Ela o reconheceria só de olhar. E, de fato, quando ele, no dia seguinte, apareceu, ela o reconheceu. Mais que reconhecê-lo, Maria o chamou com as mãos, dizendo com o gesto e com os olhos que aquela era sua casa, que ele não precisava nem bater. O menino olhou para ela por algum tempo imóvel e foi embora.

Amanheceu. Maria toma seu chá. Acena para as pessoas na rua, não consegue esconder o sorriso. Ao chegar em casa, dessa vez com algumas compras, a dúvida: seu neto vem para o almoço ou para a janta? Arruma a mesa para dois. O que ele gosta de comer? Toma um banho e coloca sua roupa mais bonita: um vestido florido que ganhara do marido.

Para o almoço, arroz, bife e batata frita. Lembra bem que era a única coisa que o neto comia. Para a sobremesa, bolo de chocolate. Será que ele ainda gosta de ler? Vai até um

armário e tira os livros que ele costumava ler. Espera o neto a tarde toda, sentada na mesa da cozinha. Ele não aparece. Joga fora toda comida que preparou. Quando anoitece, ela volta a cozinhar. Arroz, bife e batata frita. Toma um novo banho e coloca uma roupa não tão bonita quanto a anterior, mas ao menos a nova não está com cheiro de fritura. Se ao menos tivesse umas bijuterias colocaria para disfarçar. Maria Coloca as panelas na mesa e aguarda.

Quando anoitece ela não está olhando para a rua. Ela aguarda o neto, de frente para porta aberta. Quando entrar, ele irá até ela e lhe dará um beijo, assim como fazia quando ele era pequeno, e ela mesmo vai servi-lo, coitadinho. Após longas horas de conversa, relembrando do passado, vendo fotos antigas, ela o colocará para dormir no antigo quarto do pai e que agora pertence a ele.

A porta se abre. O neto está acompanhado. Um amigo? Onde come um, come dois. O amigo vai até Maria, coloca uma fita em sua boca e amarra seus braços com força. Maria respira com dificuldade e sente a dor da corda beliscando a pele. O neto apenas observa a cena com uma arma na mão. Ele já não é tão menino. Tem uma barba longa e está mal vestido. Nada que um banho e roupas novas não resolvam. Maria não reage, apenas admira o neto. Apesar de tudo, é bonito. Como marido, como o filho. Eles começam a revirar a casa. Maria daria tudo para ver a cara do neto ao entrar no seu quartinho. Ambos retornam. O neto com a carteira da vó e uma arma. O amigo sem nada. Se Maria pudesse falar, pediria que o neto trouxesse a caixa com as fotos do avô e do pai dele. Pediria também para que tirassem uma fotografia juntos.

Os dois homens sentam e resolvem encher a barriga antes de ir embora. O neto se aproxima da avó, como se fosse pedir a benção dela, dando um sorriso, o mesmo do filho, e dá uma coronhada com a arma, derrubando a velha no chão. Ainda consciente, Maria escuta o tilintar dos pratos, e respira seus últimos minutos de vida feliz. Feliz com aquele jantar em família.

Até logo

O professor sai do trabalho decidido e vai até o restaurante mais caro da cidade. Não demora muito até que se sinta à vontade ali. Está longe de estar mal vestido. Usa o que as pessoas costumam chamar de roupa de sair. Uma calça lisa escura, uma camisa lilás, um sapato de bico fino. Ninguém ali saberá da dívida que ele teve que fazer para comprar aquela roupa. Escolhe uma mesa bem no centro. Alguém o reconhecerá? Cruza as pernas com a mesma elegância dos filmes, abre o cardápio e o estuda como se estivesse estudando um romance realista do século XIX.

Não vê ninguém no restaurante. Teria sido o primeiro a chegar? Apesar do vazio, ouve conversas, risadas e o som dos talheres nos pratos. Talvez seja cansaço. Poderá pagar algum dos pratos? Ainda faltam algumas semanas até o próximo mês. Mas por que não? Escolhe um prato não tão caro, com uma taça de vinho, não um vinho qualquer, mas um que permita que ele use o francês que estudou na graduação. O garçom não perceberá o francês enferrujado, o francês nunca utilizado de maneira espontânea, não saberá a história com a professora.

Distraído com o cardápio, não vê quando o garçom surge para anotar o pedido. É um homem gordo que tem ao lado dois adolescentes que o ajudam a se manter em pé. Os três estão vestidos da mesma maneira. A camisa branca por dentro da calça, a gravata borboleta roxa, a calça preta lisa, o sapato preto e os óculos escuros. O que diferencia os dois jovens do garçom é a magreza. Mais tarde, o professor ficará sabendo que ambos são mudos e que nunca saem do lado do garçom.

Um dos jovens coloca a mão no bolso da calça daquele homem e tira um bloco de notas. O outro coloca a mão no bolso da camisa e tira uma caneta. Os braços dos jovens são erguidos na linha do peito do garçom e aguardam o pedido. Um dos jovens segura firme o bloco de notas, enquanto o outro anota o pedido, bem devagar, letra por letra. A lentidão ao escrever uma simples informação lembra seus alunos.

Acompanha os passos do garçom gordo e dos adolescentes. A dificuldade com que aquelas pernas gordas são tiradas do chão, a força feita pelos dois jovens para mantê-las em pé. De súbito, os três somem.

As conversas e as gargalhadas aumentam. Mas não há ninguém sentado na mesa ao lado.

Isso é o que ele pensa.

Na mesa ao lado, agora, três anões comem, bebem e conversam. Conversam não. Sussurram.

O professor tenta não encará-los, mas não pode deixar de perceber que estão comendo bem e que estão à vontade. Com que frequência comem ali? Pensa nos colegas de trabalho. Quem estaria disposto a estar ali com ele?

Nenhum.

Lembra-se do sonho da noite passada. A mensagem escrita a mão, numa folha de caderno. O aviso sobre seu futuro.

Não pensa duas vezes: precisa ter uma boa refeição. Nunca se sabe quando será a última.

A mesa ao lado agora está silenciosa. Os anões já não estão ao seu lado. O garçom e os jovens estão limpando os restos.

O professor tem fome. Poderia tirar um livro da mochila, o que sempre fazia quando estava sozinho à espera de algo. Mas, ler parece uma prática que não combina com aquele lugar. Se não estivesse só, talvez conversasse sobre negócios. Talvez trouxesse uma namorada ou uma amante. Talvez em vez de pedir uma taça de vinho, pedisse uma garrafa. Ou duas? Daria-se ao luxo de acordar mais tarde no dia seguinte, ao lado da namorada ou da amante ou das duas.

Acorda.

Em seu escritório, pilhas e pilhas de textos para serem corrigidos. O último extrato. Impossível esquecê-lo. O salário parcelado. A necessidade de arrumar um emprego em um cursinho pré-vestibular, a esperança de um dia ser indicado para ser um desses professores famosos.

Gastaria boa parte do seu dinheiro no jantar, mas não quis pensar nisso. Nessa noite, não. Talvez amanhã. Se houver amanhã.

Da mesa ao lado, escuta um som. De início baixinho, mas que aos poucos vai crescendo.

Um gemido.

Um casal.

Ele, um homem muito magro, branco, com os olhos redondos e o nariz grande. Ela, uma mulher muito magra, negra e com a bunda grande. Ela está de quatro, em cima da mesa, com uma lingerie vermelha pequena. Os olhos dela vendados, as mãos algemadas, a boca aberta. Ao lado, uma mesa auxiliar com diferentes pratos. De tempos em tempos, o garçom gordo e os jovens mudos vão até lá para repor a comida. O marido sussurra algo no ouvido da esposa e começa a enfiar comida na boca dela.

O pedido do professor finalmente chega. Uma porção não muito grande, mas bem apresentada de salmão defumado com molho de maracujá e uma salada de vegetais.

O professor se esforça para comer e beber devagar.

Dois ônibus, a escuridão do bairro, o cheiro da classe média. Repete para si “Sauvignon Blanc”. Se tivesse alguém ao seu lado, faria um brinde. “À vida!”. Que vida?

A comida acaba. Continua com fome.

Uma criança pequena, não aparentando mais que oito anos, vestindo a mesma roupa do garçom e dos adolescentes, aparece. Ela recolhe os pratos e deixa para o professor um novo cardápio.

Se quer sobremesa? Deixa em suspenso aquela resposta enquanto faz as contas mentalmente.

Está no caixa. Precisa passar o cartão. Cartão recusado. Problema da máquina. Uma nova máquina aparece. Cartão recusado. Não tem outro cartão?

“Por hoje é só isso”, diz ao menino.

Levanta-se para ir ao banheiro antes de ir embora. Dois ônibus, a escuridão do bairro, o cheiro da classe média.

Enquanto lava as mãos, vê seu reflexo. Seu rosto é apenas um borrão. Há algum tempo isso vinha acontecendo, mas agora seu rosto parece ainda mais apagado.

Antes de ir pagar a conta, o professor sente uma mão em seu ombro. É um rosto familiar. É o homem do nariz grande.

O professor não fala nada. Apenas observa o homem tirar uma carteira gorda do bolso e fazer uma trilha com outras notas até a mesa em que ele e sua acompanhante estão.

O professor levanta para ir embora. A essa altura não consegue parar de pensar no que acabou de acontecer. Na fila para pagar a conta, sente-se sujo. Olha para o celular. As ligações, as mensagens da esposa. O que ela diria quando soubesse? Tira a carteira do bolso e paga em dinheiro, deixando um troco generoso para o garçom e os adolescentes. Sai do restaurante e vai até um ponto de táxi.

Até logo.

Era uma professora de francês

Era uma professora de francês, mas poderia ser líder de um regime totalitário. Era uma professora de francês, mas poderia ser um serial killer. Era uma professora de francês, mas poderia ser a minha mãe quando deixo de lavar a louça. Era uma professora de francês, mas poderia ser tantas outras coisas. Uma estátua grega se sua aparência não fosse monstruosa. Uma bailarina se suas pernas não fossem tortas. Uma atriz se seu fingimento não forçado. Era uma professora de francês e racista. Era uma professora de francês e machista. Era uma professora de francês e egoísta. Era uma professora de francês e de esquerda. Era uma professora de francês louca ou estressada. Era uma professora de francês agressiva ou incompreendida. Era uma professora de francês solitária ou deslocada. Era uma professora de francês, uma lembrança traumática, presença incômoda. Era uma professora de francês, agora já não é mais nada.

Silêncio

Não tenho o que dizer. Não tenho e não posso. Tenho apenas direito ao silêncio absoluto. Às vezes, sozinho em casa, ensaio sussurros. Tudo já foi dito. E redito. Se eu fosse outra pessoa, talvez. Se eu tivesse dinheiro, se eu tivesse nascido em outro lugar, se eu tivesse lido mais livros, se eu conhecesse as pessoas certas. Eu poderia até me esforçar, mas antes mesmo que eu abrisse a minha boca e tentasse verbalizar as besteiras que costumo pensar, pediriam a mim, em respeito ao direito do outro de não ter que me ouvir, que nem tentasse. E a essa altura, mesmo que houvesse uma reviravolta, mesmo que eu tivesse o que falar, eu não conseguiria. Eu poderia ser chantageado, xingado, torturado, meu pai poderia aparecer na minha frente dizendo que tem um câncer, que o câncer se espalhou, que ele só tem uma semana de vida e que deseja me ouvir, que eu não falaria nada. Nada.

O vira-lata

O vira-lata chora na área de serviço. Você o ouve, mas não faz nada. Você se lembra da chantagem do neto para adotá-lo? O choro desesperado, a promessa de se tornar mais responsável, de se alimentar melhor. Você não consegue se lembrar do momento exato da adoção. Só do neto radiante com o vira-lata no colo. Você leu em algum lugar que crianças saudáveis precisam de um cachorro. Seu filho diz que não tem tempo pra cuidar do bicho, sua nora diz que prefere gatos. Ao menos o neto se importa. E você se importa com o seu neto e com quem o neto se importa. Juntos, vocês cuidarão do vira-lata. E você cuidará do neto, e quando não puder mais, o neto cuidará de você. Nem passa pela sua cabeça a possibilidade de o neto se cansar do vira-lata. Depois, de você. O vira-lata cresceu demais e já comeu tudo que estava ao seu alcance. As portas, os cantos das paredes, revistas, os bonecos do neto e até uma esponja de cozinha. O neto não cresceu tanto, está magro demais comparado às outras crianças. Só quer ler, não tem amigos. O vira-lata faz festa para qualquer um. Por que não se livrar dele? Uma casa. Ele precisa de um lugar com mais espaço. Mas o neto ficaria triste e você ficaria triste com a tristeza do neto. E quando você fica triste com a tristeza do neto, embora você saiba esconder das pessoas, as noites são longas. E tristes. E de repente o que você mais quer é pegar o vira-lata pela coleira e sair de casa por um campo florido, igual você fazia quando tinha a idade do neto. O vira-lata continua chorando. Você vai até ele e o pega no colo. Ele lambe sua orelha. Você diz pra ele não fazer mais isso. Depois o coloca no chão. Ele espera você sentar em sua poltrona, pula no seu colo. Vira de barriga pra cima, pedindo carinho. Vocês assistem TV, o neto está trancado no quarto lendo.

O homem com a cabeça do Kafka

Era uma vez um homem com a cabeça do Kafka. A transformação aconteceu numa certa manhã, após o homem despertar de sonhos inquietantes. Graças àquela cabeça, em pouquíssimo tempo, sua vida mudou. Ele passou, por exemplo, a ser notado por um número expressivo de intelectuais, o que não acontecia quando ele tinha apenas uma cabeça normal. O mercado literário, que nunca havia se interessado por ele, agora o queria de qualquer forma. Editores brigavam entre si para assinar um contrato, leitores e acadêmicos se interessavam cada vez mais pela sua obra, mesmo que ela ainda não existisse. Curiosos foram atrás de sua biografia e descobriram que ele não tinha pai. Não demorou muito até que se formasse, em frente de sua casa, uma fila de homens autoritários alegando paternidade. Foi rápido também o número de adeptos à moda das orelhas pontudas, cabelo dividido ao meio e sobrancelhas grossas. As coisas ganharam uma proporção ainda maior quando a existência do homem com a cabeça do Kafka tornou-se um problema diplomático. Áustria, Alemanha e Israel reivindicavam com o Brasil a nacionalidade daquele homem. Editores, leitores, acadêmicos, pais autoritários, todos o aguardavam a publicação de sua metamorfose. Mas apesar de toda a fama o homem nunca escreveu como o Kafka. Bastaram algumas tentativas para que ele percebesse isso. Aos poucos, toda bajulação em torno dele se transformou em ódio. Na universidade, era constantemente xingado por ter deixado uma série de obras inacabadas e sem a qualidade esperada. Não podia nem mais frequentar livrarias, saraus, ir ao cinema ou ao teatro, como costumava fazer. Um belo dia, um advogado, kafkiano entrou com um processo para que aquela cabeça fosse retirada e um juiz, também kafkiano, aceitou o pedido. Uma guilhotina em bom de estado de conservação foi trazida da França. A remoção da cabeça foi rápida e sem dor. O que fizeram com a cabeça? Queimaram. Assim ela nunca mais entraria na cabeça de outras pessoas, embora anos mais tarde uma mulher misteriosamente apareceria com a mesma cabeça (mas essa é uma outra história, que não contaremos aqui). O homem com a cabeça do Kafka agora era um homem sem cabeça. Cada vez mais acuado, quase não era visto fora de casa. E quando alguém o via, podiam ter certeza de que estariam diante de um homem devastado.

Os três anões

Como de costume, os três homenzinhos se encontravam em um porão mal iluminado e fedorento. Vestiam capas escuras e longas que cobriam seus corpos pequenos deixando à mostra somente seus rostos. Um de frente para o outro, como se olhassem o próprio reflexo. As testas proeminentes, os olhos separados, os dentes desalinhados.

Os três monstrosinhos. Assim eram conhecidos por todos no bairro.

Duas coisas apenas eram certas sobre eles: eram calados demais e andavam sempre juntos. No que trabalhavam e se trabalhavam, se cortavam roupas grandes ou se vestiam roupas de crianças, se faziam sexo (e, caso isso acontecesse, qual a frequência faziam e se faziam todos juntos ou não), ninguém sabia.

A sociedade secreta nasceu no dia em que eles se conheceram para falar sobre seus problemas de anões e arquitetar o grande plano.

Quem diria que uma procura frenética por anãs na internet os colocaria em uma conversa virtual. Preenchiam os pré-requisitos necessários para que se tornassem amigos: eram anões, gostavam de conversar sobre assuntos de anões e odiavam todos aqueles que não eram anões.

Era um dia aparentemente normal na sociedade. Enquanto aguardavam o anão atrasado, algo pouco comum, visto que nesses anos todos eles foram sempre muito pontuais, os dois anões conversavam sobre um livro que estavam lendo. Focaram no conto em que havia anões como personagens. Como era de se esperar, eles eram descritos de maneira caricata.

As luzes, naquele lugar, piscavam de tempos em tempos, zumbindo, zumbindo, zumbindo, até queimarem. Os dois anões saíram para procurar uma lâmpada reserva, mas encontraram apenas duas velas meio gastas que acenderam enquanto aguardavam o amigo. De repente, o susto. O anão atrasado, Dionísio, surgiu na frente deles. Estava sentado numa cadeira com uma aparência completamente diferente: estava alto e bonito. Os cabelos lisos e brilhantes, a sobrancelha bem desenhada, os olhos esverdeados, o rosto quadrado, a barba por fazer. A capa preta rasgava em seu corpo.

Desculpou-se pelo atraso e tomou a palavra. Lembrou-os de que, no final do encontro passado, falavam sobre como os anões eram retratados no cinema. Dionísio falava e olhava

para os dois como se conduzisse uma câmera em um plano de cima. Sentadinhos, as perninhas suspensas no ar indo e vindo, indo em vindo, sem encostar no chão. Enquanto ele continha o riso diante daquela cena, os dois homens apenas o escutavam.

De tempos em tempos, Dionísio interrompia a própria fala para responder mensagens no celular. Embora os três não tivessem combinado, era um consenso que não o usariam ali. Além do mais, os três anões não costumavam conversar com outros além deles mesmos.

A capa terminou de rasgar no corpo de Dionísio e saiu por completa caindo no chão. Estava nu. Exibia seus músculos para uma plateia pequena, silenciosa. Ombros, bíceps, tríceps, abdômen, coxas, tudo impressionava. Levantou-se, ficando gigante, e atendeu uma ligação.

Os dois anões trocaram alguns olhares e se levantaram. Dionísio parou de falar no telefone e disse a eles que teria que sair mais cedo, pois tinha combinado de encontrar um pessoal. As velas se apagaram. Um dos anões correu na direção dele, agarrou sua perna e começou a morder. Dionísio soltou um grito e caiu no chão. Antes que pudesse levantar, começou a receber golpes na cabeça com a cadeira. O que antes o mordeu, agora chutava sua perna sem parar. Ambos batiam em Dionísio ao mesmo tempo. O que antes chutou sua perna, agora chutava seu rosto. O que bateu com a cadeira em sua cabeça, agora pisava em seu estômago. Cada um se encarregou de furar com os dedos um dos olhos. De repente, pararam de bater.

Dionísio se arrastava no chão ensanguentado, gritando de dor, pedindo socorro, mal saindo do lugar.

Os dois anões ficaram ausentes por quinze minutos e voltaram com um marca texto e uma serra. Dionísio tentou falar algo, mas conseguiu apenas cuspir três dentes e um pedaço da língua. Os dois anões colocaram Dionísio deitado com a barriga para cima e marcaram-no com o marca texto um pouco abaixo do joelho e na metade do braço. Enquanto um segurava, o outro serrava com precisão.

No dia seguinte, os três homenzinhos se encontraram no porão mal iluminado e fedorento para falar sobre seus problemas de anões.

Você está pronto?

Você precisa puxar o saco daquele homem. Uma única vez talvez não faça mal a ninguém. Mas ao puxar o saco daquele homem, você se tornará aquele tipo de pessoa que só chegou lá por que é um puxa-saco. O que quer dizer que ninguém consideraria que você talvez seja capaz ou que talvez seja um puxa-saco capaz que só se tornou um puxa-saco por que teve portas fechadas por causa de outros puxa-sacos e que, em vez de odiar todos os puxa-sacos do mundo, como fez por muito tempo, resolveu, em um momento de fraqueza, se tornar um.

Basta ir até aquele homem, aquele de camisa azul claro bebendo uma xícara de café rodeado de pessoas, possivelmente outros puxa-sacos, e falar com ele. Mesmo que você não o suporte, mesmo que você ache tudo aquilo errado. Ele já abriu muitas portas, não é mesmo?

Não é mesmo?

É preciso demonstrar confiança, não ser um simples bajulador. É preciso saber bajular, e saber bajular é escolher as palavras certas. Se for para ser um puxa-saco, que seja dos bons.

Mas, por ter resolvido ser puxa-saco somente agora, tardiamente, sem experiência nenhuma, as chances de se sair bem são baixas.

Haverá um curso intenso para puxa-sacos?

Antes, para você, todos os puxa-sacos do mundo eram iguais, mas agora, a ponto de ser um, no auge de sua insegurança, o que você achou que não aconteceria com puxa-sacos, você pensa que deve existir uma espécie de ranking de puxa-sacos bons e ruins, caso contrário todos os puxa-sacos se sairiam bem sempre e existiria um número maior de puxa-sacos.

Mas já é tarde demais, você está a caminho do homem de camisa azul bebendo café rodeado de pessoas, e por mais que diga que é errado o que está fazendo, você não consegue parar. É como se suas pernas soubessem o caminho que você deve seguir. E, a partir de agora, conseguindo ou não o que pretende, sabendo ou não o que falar, em instantes você fará algo que o definirá para sempre. Você está pronto?

Meu pai quase morreu.

Escondido atrás da porta, tentando que não notassem a minha presença, escutei a voz trêmula da minha mãe dizer.

Meu pai quase morreu.

Eu poderia não tê-lo visto vivo caso o assassino não tivesse bebido umas a mais. Eles queriam me poupar da notícia, queriam evitar que seu filho se revoltasse, que se tornasse um justiceiro. No dia seguinte, no café da manhã, o silêncio.

O meu pai quase morreu?

Era a pergunta que quis, mas não consegui fazer. Talvez para apreender os detalhes, para escutar a voz serena do pai dizendo que não foi bem assim, que a mãe sempre exagera.

Na escola, narro o episódio que quase tirou a vida do meu pai.

Um filho da puta tentou matar meu pai, com uma doze, dessas de filmes de máfia, mas meu pai lutou bravamente contra o inimigo, tirou a doze do filho da puta e quase o matou. Não demorou até que outra versão, igualmente falsa, mas que invertia os papéis, que colocava meu pai como o covarde da história, aquele que teve que se ajoelhar e implorar para ter sua vida insignificante poupada, parece ter agradado mais os colegas.

Não havia novidade nenhuma em quase morrer ali onde morávamos.

A novidade era não reagir, era se manter tão calmo, tão covarde. E se acontecesse algo com a gente? Sabia que meu pai guardava uma arma em casa. O que por muito tempo me deixou tranquilo. Se algo acontecesse algo com a gente estaríamos protegidos.

Meu pai guardava uma arma em casa. Mas se meu pai guardava uma arma em casa, por que, naquele momento, jurado de morte, ele não fazia nada?

Nos dias que passaram, procurei nos olhos do meu pai o desejo de vingança. Encontrei nos olhos da minha mãe o medo. Meu pai tinha medo? Se tinha não mostrava, se tinha tentava nos poupar. Sozinho em casa, revirei cada cômodo, cada móvel, cada esconderijo, mas não encontrei a arma.

Meu pai carregava a arma junto com ele? Meu pai quase morreu com uma arma junto com ele?

Hoje tento me lembrar de como soube que tivemos uma arma, de como essa informação se instalou na minha memória. Talvez eu achasse natural que tivéssemos uma arma, talvez tivesse inventado que tínhamos uma arma, pois todas as famílias que eu conhecia também tinham uma arma. Ou talvez eu simplesmente quisesse que tivéssemos uma.

Mas meu pai tinha mesmo uma arma?

Imagino meu pai me levando para passear fora cidade. Do porta-malas do carro, tira uma pistola, a que ele guardava em casa no fundo falso de sua caixa de ferramentas. Tira outra arma, embrulhada numa caixa, um presente pra mim. Igual a dele. Para eu me proteger, para eu proteger nossa família. Passamos a tarde atirando juntos, inventando inimigos juntos, eliminando inimigos juntos.

Estamos no carro com toda mudança. Não tivemos tempo de nos despedirmos dos vizinhos, dos amigos e da família. Ainda não sei se meu pai é um covarde, ainda não sei se meu pai é um foragido. A única coisa que sei é que estamos indo para longe. Minha mãe e eu, cúmplices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A Estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão: Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- CORTAZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução: David Arriguci Jr e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **Obra aberta: forma e indeterminação nas obras poéticas contemporâneas**. Tradução: Giovanni Cutolo. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HIDALGO, L. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. **Revista Alea: Estudos Neolatinos** (online), Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 218-231, jan./jun. 2013. ISSN 1807-0299. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33027017014>>. Acesso em: 07 de maio de 2018.
- LIMA, Bruno. O retorno do autor na literatura contemporânea. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., 2009, Uberlândia. **Anais eletrônicos do Silel**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- POE, Edgar Allan. **O corvo**. Ilustrações: Lupe Vasconcelos. Versão em português: Machado de Assis e Fernando Pessoa; versão em francês: Charles Baudelaire. São Paulo: Empíreo, 2015.
- PIGLIA, Piglia. **Formas breves**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TCHEKHOV, Anton. **Sem trama e sem final: 99 conselhos de escrita**. Tradução e notas: Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Martins, 2007.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. Disponível em <<https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2015/02/jauss-arquivo-melhor.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.
- ZAPPONE, M. H. Y. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: UEM, 2004.
- COLONNA, V. **L'autofiction, essai sur la fictionalisation de soi en littérature**. 1989. 595 f. Tese (Doutorado em Linguística). École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, 2004. Disponível em: <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00006609/document>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.
- WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012.